

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM SOCIEDADE,
CULTURA E FRONTEIRAS - NÍVEL DE MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS

KLEBER DREICY MELCHIOR

A MIGRAÇÃO DOS MORTOS:
REMANEJAMENTO DE CEMITÉRIOS NA REGIÃO DO LAGO DE ITAIPU

FOZ DO IGUAÇU – PR

2012

KLEBER DREICY MELCHIOR

A MIGRAÇÃO DOS MORTOS:
REMANEJAMENTO DE CEMITÉRIOS NA REGIÃO DO LAGO DE ITAIPU

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras, junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Sociedade, Cultura e Fronteiras, área de concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras. Linha de pesquisa: Território, História e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Vanderlinde

FOZ DO IGUAÇU – PR

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

M518 Melchior, Kleber Dreicy

A migração dos mortos: remanejamento de cemitérios na região do Lago de Itaipu / Kleber Dreicy Melchior. – Foz do Iguaçu, 2012. 74 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Vanderlinde.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Universidade Estadual do Oeste Paraná.

1. Alvorada do Iguaçu (PR) – História. 2. Paraná (Estado) - Cemitérios – Remanejamento. 3. Mortos – Expropriação – Aspectos socioculturais. 4. Telurismo. 5. Religiosidade. I. Título.

CDU 981.62Alvorada do Iguaçu
351.776.3(816.2)
316.642:393

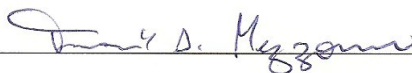
Miriam Fenner R. Lucas – CRB/9:268 – UNIOESTE – Campus de Foz do Iguaçu

KLEBER DREICY MELCHIOR

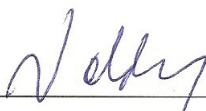
**A MIGRAÇÃO DOS MORTOS: REMANEJAMENTO DE CEMITÉRIOS NA
REGIÃO DO LAGO DE ITAIPU**

Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras e Aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Nível de Mestrado -, área de Concentração em Sociedade Cultura, e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

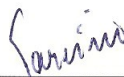
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Frank Antônio Mezzomo
Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão - FECILCAM
Membro Efetivo



Prof. Dr. Valdir Gregory
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Marechal Cândido Rondon
Membro Efetivo



Prof. Dr. Tarcísio Vanderline
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Marechal Cândido Rondon
Orientador

Foz do Iguaçu, 03 de abril de 2012

Dedico este trabalho a minha família, que junto comigo, acreditou no sonho de pesquisar, de indagar e buscar respostas na história dos homens que, com suor construíram o Oeste do Paraná.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Tarcísio Vanderlinde, pela paciente e atenciosa orientação, parceiro constante de pesquisa e incansável na elucidação das tantas dúvidas que tive pelo caminho.

Aos professores do programa do mestrado, por terem confiado em meu projeto, somando forças para que eu e meus colegas trilhássemos o árduo e compensador caminho da pós-graduação.

Aos colegas, pelo apoio e pelos conselhos nas horas difíceis, pela troca de experiências e pela colaboração constante.

Aos moradores do Oeste do Paraná, personagens da História que, gentilmente, me receberam em suas casas e compartilharam de suas memórias e experiências. Sem eles, nada teria sido feito.

“A dor possui um grande poder educativo: faz-nos melhores, mais misericordiosos, mais capazes de nos recolher em nós mesmos e persuade-nos de que esta vida não é um divertimento, mas um dever.”
Cesare Cantú

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo dialogar com as relações de pertencimento territorial, visando compreender como ela se apresenta e qual a sua pertinência junto à sociedade local. O Oeste do Paraná é o ponto de partida dessa observação e a busca de referências sobre este telurismo se deu a partir de experiências vividas pelos expropriados da região onde hoje se delimita o lago artificial de Itaipu. Para exemplo da ligação entre homem e território, utilizou-se o cemitério da extinta vila de Alvorada do Iguaçu, então distrito do município fronteiriço de Foz do Iguaçu quando da construção da hidrelétrica Binacional de Itaipu. A memória dos ex-moradores da localidade, bem como suas experiências, é explorada a fim de responder sobre a relevância das relações entre o indivíduo, seu território e os processos de construção de sua identidade, bem como da identidade do meio em que pertence. O trato com os mortos é estudado para a compreensão de possíveis rompimentos territoriais e mudanças de ambientes de convívio geográfico e socioculturais.

PALAVRAS CHAVE: Expropriação, Território, Telurismo, Itaipu.

ABSTRACT

This dissertation aims to engage with the relations of territorial belonging, in order to understand how it presents itself and what its relevance with the local society. The Paraná western region is the starting point of this observation and the search for references on this telluric took from the experiences of the dispossessed in the region where today defines the artificial Itaipu Lake. For example the link between man and territory, we used the cemetery of the Alvorada do Iguaçu former village, that was border district of Foz do Iguaçu city during the construction of the Itaipu binational dam. The memory of former residents of the locality, as well as their experiences, is explored in order to answer questions about the relevance of the relationship between the individual, their territory and the construction of their identity process, as well as the identity of the environment which it belongs. Dealing with the dead is studied for the understanding of potential territorial disruptions and changes in environment shared geographical and socioculturally.

KEY WORDS: Expropriation, Territory, Telurism, Itaipu.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo colaborar con las relaciones de pertenencia territorial, para entender cómo se presenta y cuál es su relevancia en la sociedad local. Las regiones occidentales es el punto de partida de esta observación y la búsqueda de referencias en este telurismo se produjo a partir de experiencias de los desposeídos de la región donde hoy se delimita el lago artificial de Itaipú. Por ejemplo, el vínculo entre el hombre y el territorio, se utilizó el cementerio de la antigua villa de Alba de Iguazú, a continuación, distrito fronterizo de la ciudad de Foz de Iguazú durante la construcción de la hidroeléctrica Binacional de Itaipú. El recuerdo de los antiguos residentes de la localidad, así como su experiencia se explora con el fin de responder a las preguntas acerca de la importancia de la relación entre el individuo, su territorio y los procesos de construcción de su identidad y la identidad del medio al que pertenece. Lidar con la muerte se estudia para la comprensión de las posibles interrupciones y cambios en el entorno territorial compartida geográfica y sociocultural.

PALABRAS CLAVE: La expropiación, Planificación, Telurismo, Itaipú.

LISTA DE ABREVIATURAS

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

CPT – Comissão Pastoral da Terra

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 HISTÓRIA, CIÊNCIA E RELIGIOSIDADE.....	14
2 ALVORADA DO IGUAÇU.....	21
3 CEMITÉRIOS.....	34
3.1 O CEMITÉRIO DE ALVORADA DO IGUAÇU.....	41
4 O TELURISMO NO PROCESSO MIGRATÓRIO.....	45
4.1 HISTÓRIA REGIONAL E TELURISMO.....	48
5 OS PROCESSOS DE DESAPROPRIAÇÃO E A MIGRAÇÃO DOS MORTOS.....	50
5.1 A REMOÇÃO DOS MORTOS NA VISÃO DOS VIVOS.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62
FONTES.....	66
ANEXOS.....	68

INTRODUÇÃO

A região Oeste do estado do Paraná, além da tríplice fronteira com a Argentina e o Paraguai, abriga: as Cataratas do Iguaçu, beleza natural e ponto turístico mundialmente conhecido; a Itaipu Binacional, a maior hidrelétrica do mundo em produção de energia; e o lago artificial de Itaipu, reservatório da água que alimenta suas turbinas, gerando energia, motivo pelo qual mais de oito mil famílias foram desapropriadas entre 1974 e 1983. Com este processo de desapropriação, desapareceram para sempre as Sete Quedas de Guaíra, famílias, casas e animais foram retirados de suas localidades, terras foram inundadas, pomares perdidos, comunidades inteiras desapareceram e até os mortos foram deslocados para outros cemitérios. Estes mortos tinham sido enterrados por seus familiares, próximos a eles, e de um dia para outro, as pessoas estavam indo embora e não podiam simplesmente colocá-los na bagagem, o que com certeza complicava a situação das desapropriações, diga-se de passagem, já tumultuadas. Este processo de remoção do cemitério de Alvorada do Iguaçu é o evento usado como base para a discussão sobre a relação entre um território e seus habitantes, bem como as consequências do fim desse convívio social.

Esta pesquisa teve por objetivo problematizar memórias acerca do processo de expropriação do lago de Itaipu, a partir do processo de exumação dos corpos, do cemitério do distrito de Alvorada do Iguaçu (pertencente à época ao município de Foz do Iguaçu) buscando compreender como essa prática constituiu e reelaborou um campo de experiências e memórias acerca desse processo. A exumação e posterior remoção destes mortos é o que permeia esta pesquisa. Ela tem por objetivo compreender estes processos, bem como suas consequências para as comunidades atingidas e a relação entre os mesmos, examinando a população que estava em pleno processo de mudança e reações em relação à remoção de seus mortos.

A pesquisa justifica-se pelo interesse de se perceber e entender identidades culturais e territoriais, a fim de identificar e compreender o homem que nos rodeia, que permeia esta região e, também, pela necessidade de se compreender o homem enquanto agente modificador de seu ambiente, mesmo que este seja alheio a este ambiente, mesmo que o alheio a este ambiente, o expropriador, mande mais neste ambiente que seu autóctone. A estas indagações esta pesquisa vai ao encontro, a saber, quem mandou, e principalmente, quem pagou pelos mandos deste movimento “desapropriatório”, quem são os estrangeiros, os mandados, os mandantes, e principalmente, as vítimas do processo.

Na busca de condutas interdisciplinares, foram empregadas entrevistas orais, coletadas com os ex-moradores de Alvorada do Iguaçu, distrito de Foz do Iguaçu (Estado do Paraná)

através de questionamentos que visassem atentar para suas memórias, em busca de depoimentos e recordações relevantes acerca do cotidiano dos distritos e seus conjuntos de especificidades, além de atentar para o caso da remoção dos cemitérios, bem como suas realocações. Para tanto, revela-se pertinente aqui um debate com a historiografia referente à memória, por meio de autores como Ecléa Bosi (1995) e Alessandro Portelli (1996).

As experiências, vivenciadas através dos fatos que lhes dão cenário, constroem memórias que, ao serem revisitadas enquanto recursos de pesquisa propiciam uma construção histórica se inserindo criticamente no campo historiográfico. É preciso, no entanto, entender essas “construções” para um bom aproveitamento no âmbito de pesquisas com Memória e História. Sobre memória, Hugo Lovisolo lembra que: “Valorizada, então, quer por sua participação na construção da identidade e da comunidade, quer pelo papel que desempenha no fortalecimento e emancipação dos fracos, ela não pode nem deveria ser esquecida.” (LOVISOLO, 1989, p. 16).

Com a escolha de determinado recorte temporal e determinados personagens ligados ao fato a ser pesquisado, podemos, por exemplo, na memória da infância, construir por meio dela (de suas experiências e lembranças), visualização básica de um cotidiano, saudosista e feliz, ou ainda em outros casos, infeliz, dependendo das experiências vividas por essa criança, bem como suas relações com o presente.

Neste sentido, Ecléa Bosi nos diz, a respeito, que: “Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. [...] O sentimento também acompanhá-lo para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.” (BOSI, 1995, p. 16). E ainda: “A memória de um indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo”. (Id, 1995, p. 59).

É importante, portanto, que a pesquisa histórica atente, por meio da memória como fonte, que essa memória deva ser analisada cautelosamente, bem como todos os contextos que se fundem e se revelam nesse discurso.

Para um melhor entendimento da localidade e da época em questão, fazem-se pertinentes essas abordagens. Também é feito o uso de acervos iconográficos de época, particulares e públicos, além de análise de documentação oficial, tanto os em posse da Itaipu Binacional como do poder executivo dos municípios em questão. Também documentos e imagens em posse dos expropriados, para melhor identificação das especificidades das comunidades e dos processos de desapropriação. Buscou-se, também, números referentes à população dos cemitérios da região, a fim de identificar os destinos destes que foram

removidos para outras localidades e a relação desses destinos com a desapareição dessas comunidades.

Utilizaram-se para este estudo, fontes principalmente orais, testemunhos tomados em forma de entrevista gravada, e analisados um a um, salientando as suas particularidades, e em coletivo, reconhecendo suas homogeneidades, construindo assim, uma historiografia a partir de narrativas, tanto individuais como coletivas. Estas pessoas abordadas enquanto fonte de depoimentos foram personagens no evento de expropriação¹ de suas terras, entre 1974 e 1983, pela Itaipu Binacional, no advento da construção e composição de seu reservatório (leia-se Lago Artificial de Itaipu), nas localidades de Alvorada do Iguaçu, áreas totalmente alagadas, na época distrito de Foz do Iguaçu, estado do Paraná. Contaram como fontes de pesquisa também, os acervos de documentos das Prefeituras Municipais de Foz do Iguaçu e Santa Terezinha de Itaipu, ambos os municípios, do extremo Oeste do Paraná, além de periódicos, como revistas e jornais da região, datados da época.

1 HISTÓRIA, CIÊNCIA E RELIGIOSIDADE.

¹ Expropriação, em termos jurídicos (no Direito Administrativo), é a retirada definitiva de bens particulares da posse de seus proprietários, executada pelo Poder Público. Existem duas espécies: o confisco e a desapropriação por necessidade ou utilidade pública ou por interesse social. Olivier Reboul (2000) define expropriação como “[...] uma venda forçada. Os proprietários são obrigados legalmente a ceder seu imóvel ao Estado [...] do qual se tornam então credores; a única coisa que podem contestar é o montante da indenização proposta.”

O homem vive o embate entre o *nomos* e o *caos*, como diria Peter Berger (2004), tendo para si, *nomos* como meio que o permita reconhecer-se no mundo e o mundo a sua volta, e *caos* como meio que destrói esta identificação, estranhamento que tira do eixo a vida humana, pois já não se reconhece o ambiente. Concentremos nossos esforços neste trabalho em observar os homens em duas classificações, diferenciando-os em relação à fé, denominando-os, grosso modo: os que tem e os que não tem fé.

Entende-se por sinônimos de fé, a confiança e a crença. Fiquemos com o último. Basta-nos. Seguindo um raciocínio lógico, busquemos agora, o contrário de fé. Tendo em mãos o sinônimo eleito (crença) e buscando seu antônimo, encontraremos facilmente a descrença, que tem como significação a incredulidade. Costurada a base de nossa colcha de retalhos, cabe a essa altura, elegermos a crença ou descrença a que nos referimos para separarmos tão metodicamente os homens. Aqui leitor, entra no palco a religiosidade.

Mircea Eliade comenta que “[...] vivendo, o homem religioso nunca está sozinho, pois vive nele uma parte do mundo.” (ELIADE, 1996, p. 136). O reconhecimento do mundo, feito pelo homem, o coloca em condição “nomizante” de vida, pois quando se reconhece como agente não só do mundo, mas também da construção do mundo, reconhece-se também como ser construtor, não mais como ser construído. Em outras palavras, reconhecer-se é ter fé que se é algo.

Conhecer é, portanto, identificar-se, constituir identidade. Esse processo se dá também pelo prisma religioso. Rodrigo Portella cita Berger, exemplificando o *nomos*, dizendo que “[...] todo *nomos* é uma área esculpida de uma vasta massa de carência de significado.” (PORTELLA, 2006, p. 88). Traçando um paralelo, lembro-me dos escultores que, vêm inserida no bloco de pedra ou tronco de madeira sua obra, cabendo a seu ofício apenas retirar o que estaria “sobrando”. Assim como o escultor reconhece sua obra onde o olho destreinado ou destituído de tal talento é impossibilitado de fazê-lo, a ciência traça suas indagações e persegue suas respostas, mesmo antes de qualquer certeza de êxito, crendo, no entanto, fielmente, em um final feliz. A dúvida do cientista representa, portanto, a certeza de uma dúvida, e dessa certeza, não há dúvidas. Ele crê.

É oportuno ressaltar que a ciência é um conjunto coordenado de conhecimentos, na busca de explicar algo. Fazer saber. Explicar algo não é necessariamente explicar tudo de algo, mas buscar respostas em meio a perguntas. Para além de um jogo de palavras, a ciência tem por objetivo, *nomizar* o mundo em que vivemos, tornando-o mais reconhecível, menos *caótico*. No entanto, a ciência não responde finalisticamente os problemas. O acaso se faz

necessário para que a ciência se afaste de pensamentos influenciadores e aproxime-se da neutralidade. A pesquisa também é capacidade imaginadora. Criatividade e seriedade fundem-se na produção científica, e como o homem faz parte de um processo de criação e não apenas o é ser criado, acaba por ser representado na e pela ciência.

O conhecimento por meio das representações, e seus significados podem ser vistos em Gil Filho (2005). O autor cita que “A representação é uma forma de conhecimento. Mesmo que tempo e espaço gerem determinadas formas de representação, é na dualidade sujeito e objeto que reside o denominador comum que pode conceber toda forma de representação.” (GIL FILHO, 2005, p. 120).

Para uma perspectiva de representação mais próxima do religioso, partindo do princípio de religião enquanto raciocínio coletivo, Gil Filho diz que “A memória, quando transcende as determinações individuais e atinge o estatuto de pensamento social, marcado pela prática social, permanece viva na sociedade enquanto imagem e memória coletiva.” (Id, 2005, p. 121). Memória é tudo aquilo do que lembramos, que identificamos, re-conhecemos, que se apresenta perante nós, como naturalmente existente.

Os livros sagrados do Hinduísmo, chamados de Vedas², trazem concepções orientais que parecem muito relevantes a esta discussão. No Atharva Veda, como em outros da série de livros sagrados do Hinduísmo, há uma série de representações simbólicas que nos levam a visualizar a ligação intrínseca entre homem e natureza. A vida se regula como uma moradia, temporário plano de passagem entre dois mundos. “Habita-se o corpo da mesma maneira que se habita uma casa ou o cosmos que se criou para si mesmo.” (ELIADE, 1996, p. 144). Níveis existenciais são considerados.

Ainda nos ensinamentos tântricos, define-se o corpo como moradia, composta de nove chacras³, um cosmos vasto em frequências de energias negativas e positivas que se completam. A posição de Lótus, muito usada nas meditações e aulas de ioga, justifica-se no tantrismo pelo fato de se crer que o calcanhar é rico em energia negativa, enquanto que o primeiro dos chacras (todos os nove de energia positiva) situa-se próximo do cóccix. O objetivo dessa aproximação de energias opostas seria a de a negativa (situada no calcanhar) causar movimento da positiva, do chacra, para cima, fazendo alusão de um movimento de baixo para cima, perpassando cada um dos chacras até chegar ao clímax (conhecido no budismo como nirvana), onde a energia absoluta transcenderia pelo topo da cabeça, possibilitando a passagem deste plano para outro, absoluto. Esta passagem geraria evolução e,

² O termo Veda, no Sânscrito, tem como tradução: revelação, conhecimento.

³ Compreendem-se por chacras os nove pontos que, segundo o Hinduísmo e o Tantrismo, religiões orientais, são centros de energia espalhados pelo corpo humano, formando uma linha vertical, que vai da base da coluna vertebral (cóccix) até o topo da cabeça.

antes, bem estar. O Atharva Veda é o último de quatro Vedas e versa, dentre muitos assuntos, da medicina, esta que, antes tem por objetivo, justamente o bem estar dos indivíduos a que se propõe atender. Mircea Eliade observa:

Em certas culturas (por exemplo, China proto-histórica, Etrúria, etc.) as urnas funerárias têm a forma de casa: apresentam uma abertura superior que permite à alma do morto entrar e sair. A urna-casa torna-se de certo modo o novo corpo do defunto. (ELIADE, 1996, p. 146).

Lembremos aqui da discussão aristotélica de cosmos dividido em sublunar (composto de matéria bruta e de movimentos imperfeitos) e supra lunar (de matéria sutil, mais perfeita, de tendência imutável, ser absoluto de dimensão infinita). Observemos que esta ligação não enterra o homem nesta natureza. “[...] o simbolismo cósmico junta um novo valor a um objeto ou a uma ação, sem com isso prejudicar seus valores próprios e imediatos. Uma existência aberta para o mundo não é uma existência inconsciente, enterrada na natureza.” (ELIADE, 1996, p. 137). O existir consciente, portanto, é o abrir-se para o reconhecimento e auto reconhecimento do indivíduo que participa da natureza, que não é apenas fruto dela. E ainda, o indivíduo não é mera parte ou parcela do cosmos, afinal o cosmos também não o é apenas uma soma de todas as parcelas.

A ciência, assim como as crenças religiosas, também volta seus olhos para as alturas. Não são só os obeliscos, totens e pirâmides, que tentam alcançar as estrelas, supostas moradas divinas de tantas representações religiosas politeístas da antiguidade. O homem científico também quer determinar, matematicamente, quantos corpos estelares existem na Via Láctea, quantos são os planetas do sistema solar, quais suas órbitas, como se criaram e quando deixariam de existir. Essa não é mera coincidência de foco, é curiosidade comum. De onde viemos? Para onde vamos? Existem quantas respostas a estas perguntas?

A observação das teorias de Charles Darwin, feitas por Pablo Casanova, nos dá uma boa ideia do que aqui se discute. “A obra de Darwin tem elementos revolucionários e conservadores no terreno das ciências e das crenças.” (CASANOVA, P. 2006, p. 263). Em outro momento, Casanova constata que “[...] uma leitura cuidadosa de suas teorias da evolução permitia encontrar uma explicação causal e teleológica da ordem perfeita da natureza e da adaptação ótima dos organismos entre si e com seu meio ambiente.” (CASANOVA, P. 2006, p. 264).

O pioneirismo de Darwin está na probabilidade! O mundo já não era mais o arquétipo de um mundo perfeito, como julgava Platão. Há o aperfeiçoamento da natureza, mas sem teleologia, sem um caminho perfeito, há as leis, mas não a pré-determinação teleológica. Nem tampouco há o “tanto faz” relativista, e essa realidade natural é identificável na realidade

social, sem predição. O mundo uno de Galileu e o mundo usufruto de Descartes agora se fundiam à subjetividade, tornando os eventos, possíveis, não prováveis.

A sutileza e calma com que Darwin apresenta suas teses fazem dele um cauteloso cientista. A unicidade da multiplicidade de Newton é derrubada por perspectivas já relativizando as ciências.

Não era qualquer coisa falar da origem do homem e de sua história transgredindo a bíblia. Suas teses puseram abaixo a descendência de Adão e Eva, e até de Noé e dos sobreviventes. Não só descartou que o homem fosse obra de Deus, mas também que provocara o Dilúvio e voltara a criar a vida. (CASANOVA, P. 2006, p. 263).

Essa sutileza de Darwin também demonstra sua crença fiel em suas próprias teorias, sua fé no próprio discurso, e é nesse ponto que percebemos a ausência de qualquer possibilidade do cientista de desligar-se do crer. Pois não há só o crer, há também a defesa da crença.

Remontando ao início (do texto, não do mundo) relembremos o sinônimo de crença: Fé. O ímpio cientista, o ateu Charles Darwin era agora, um ilustre crente desconhecido, assim adjetivado por crer fielmente em sua teoria. Não faria dela publicação, por mais paulatina que o tenha feito, caso não acreditasse em suas palavras. Seu conjunto de conhecimentos coordenados relativamente a determinado objeto agora era, para ele, um *nomos* completo, transbordante de realidade, de identidade. Darwin, o homem, agora se reconhecia como parte integrante de um cosmos em constante evolução, onde tudo tinha, obrigatoriamente, um começo, um meio e um fim, não somente um propósito.

Já a religiosidade baseia seu discurso, entre outros pilares, nos propósitos dos homens, dos deuses e também dos mundos. Catequiza o homem a fim de moldá-lo conforme o que dele se espera. O homem, por sua vez, reconhece seus propósitos e assume a responsabilidade sobre sua existência no cosmos, no mundo. Agrega valor ao seu habitat e a sua vida. Eliade cita que “Toda morada estável onde o homem se instalou equivale, no plano filosófico, a uma situação existencial que assumiu.” (ELIADE, 1996, p. 145).

As representações religiosas e as representações científicas geralmente englobam um bom número de indivíduos de uma mesma sociedade, por vezes, um bom número de sociedades. As necessidades e os mundos dos homens bem como suas sociedades, seus microcosmos, assim como as representações religiosas e as ciências, mudam. O conhecimento e a identificação do homem com o mundo mudam. Muda também a identidade que o homem tem com seu território, com suas fronteiras e com os outros homens com os quais convive. A

memória se constrói, memória individual e coletiva, memória social. Transformamo-nos nas fronteiras que atravessamos. Gil Filho comenta que:

[...] agregadas ao intelecto, mas além das suas funções lógicas, existem também as determinações da memória. A memória, quando transcende as determinações individuais e atinge o estatuto de pensamento social, marcada pela prática social, permanece viva na sociedade enquanto imagem e memória coletiva. (GIL FILHO, 2005, p. 121).

Em uma perspectiva de historiador, o debate é relevante por demonstrar a relação interdisciplinar da discussão. Marc Bloch frisa que “aos olhos de qualquer um que não seja um tolo completo, com quatro letras, todas as ciências são interessantes.”⁴ Ronaldo Vainfas, em debate com Ciro Flamarion Cardoso (1997) observa que “[...] a História realmente não pode estar condenada, como afirma Ciro F. Cardoso, ‘a escolher entre teorias deterministas de estrutura e teorias voluntaristas da consciência’ [...] combinar abordagens distintas talvez seja o ideal [...]” (VAINFAS, 1997, p. 449). Vainfas ainda lembra as palavras de Ginzburg (1987)⁵, lembrando-nos que “Se a História é ciência, trata-se de uma ciência do particular.”

O mundo tem passado, desde sua gênese, por processos de ressignificação, de existência, de ciência, do sagrado, do religioso. A professora Zeny Rosendahl cita que:

As palavras religião, sagrado, peregrino e cerimonial, entre outras, não aparecem nos dicionários básicos de geografia. Entretanto, elas indicam experiências humanas repletas de significados, tendo uma nítida dimensão espacial, interessando, portanto, à geografia. (ROSENDAHL, 1997, p. 119).

O fato de as palavras serem repletas de significados, faz delas, mais que interessantes apenas às geografias das religiões (sim, a religiosidade também é geográfica), afinal os processos de ressignificação não são apenas processos geopolíticos, o são também sociais.

Darwin e os homens, modernos e contemporâneos apresentam-se, em muitos casos, como ocos de quaisquer religiosidades, mas a religiosidade lhes transborda por meio da fé. A respeito dos homens contemporâneos, Mircea comenta: “De certo ponto de vista, quase se poderia dizer que, entre os modernos que se proclamam a-religiosos, a religião e a mitologia estão ocultas nas trevas do seu inconsciente [...] no mais profundo de seu ser, ele guarda ainda a recordação dela [...]” (ELIADE, 1996, p. 173).

Além de adjetivar o inconsciente humano como algo tenebroso, o autor claramente demonstra que o “homem moderno”, por mais moderno que seja, traz consigo, resquícios de uma memória que nem mesmo ele acredita ter. Eliade lembra ainda que “[...] o homem a –

⁴ Ver BLOCH, Marc. Apologia da História ou, O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 43.

⁵ Ver GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. Trad. Betania Amoroso. São Paulo: Cia das Letras, 1987. 7ª reimpressão. p. 449.

religioso descende do *homo religiosus* e, queira ou não, é também obra deste, constituiu-se a partir das situações assumidas por seus antepassados.” (ELIADE, 1996, p. 165). A este ponto apresenta-se o homem não moderno, o homem do passado, que apesar de sua condição pretérito de ser, é responsabilizado, pelo autor, pelo que o sucede.

Francis Collins traz ao debate uma pergunta pertinente:

Daremos as costas à ciência porque ela é percebida como ameaça a Deus, abandonando toda a promessa de avanço em nossa compreensão da natureza e a prática desses conhecimentos para alívio do sofrimento e para o bem da humanidade? Ou daremos as costas à fé, concluindo que a ciência tornou desnecessária a fé espiritual, e que agora podemos substituir os tradicionais símbolos religiosos por esculturas da hélice dupla em nossos altares? As duas escolhas são profundamente perigosas. Ambas negam a verdade. Ambas reduzem a nobreza da humanidade. (COLLINS, 2007, p. 216).

O homem é ser religioso, dotado de representação religiosa, crê, nem que seja na crença de que nada mais além dele exista. Estabelece com estes parâmetros o seu cosmos e o nomiza, foge do caos. Darwin, que antes de cientista, é homem, sendo, portanto, ser dotado de religiosidade, justificando assim um jogral de palavras afirmativo: “Darwin vai à missa.”

Óbvio, este jogral tem, antes de qualquer coisa, o objetivo de chamar a atenção para o embate entre religiosidade e ciência, afinal, como bem ensina Wright Mills: “Escrever é pretender a atenção dos leitores.” (OLIVEIRA, 1998, p. 20). Atrevo-me a dizer⁶, sem anacronismo, que se convidado, Charles não declinaria ao convite de um pároco para um encontro catequético.

Acredito ser pertinente citar, mais uma vez, Mircea Eliade, para um bom encerramento desta elucubração: “Conhecer as situações assumidas pelo homem religioso, compreender seu universo espiritual é, em suma, fazer avançar o conhecimento geral do homem.” (ELIADE, 1996, p. 164). O fato em questão apresenta-se, portanto, como pertinente, e para além de qualquer conclusão, podemos pensar em um homem incompleto, em constante construção intelectual, homem que nunca se dividiu, sempre foi o mesmo, *homo sapiens*, filho de pai Deus e mãe Ciência.

Uma vez habitado pelo ser humano, um território adquire a condição de um lugar sagrado, telúrico. Roseli Alves dos Santos, ao discutir a conceitualização de território, afirma: “O território não é um espaço pronto, acabado, definido e imutável; ao contrário, é um espaço

⁶ Meu atrevimento baseia-se na necessidade do pesquisador de cultivar técnicas de imaginação. Wright Mills, citado por Paulo de Oliveira, lembra que “Bons pesquisadores não se limitam a observância de regras, mesmo porque na maioria das vezes experimentam situações que os manuais não poderiam antecipar. Além do que, pesquisar não se restringe a absorver técnicas e pô-las em prática. O cultivo da capacidade imaginadora separa o técnico do pesquisador.” (OLIVEIRA, 1998, p. 20)

em constante processo de metamorfoses, que vai sendo constituído a partir das relações que nele se estabelecem.” (SANTOS, 2008, p. 23).

2 ALVORADA DO IGUAÇU.

O Distrito Administrativo de Alvorada do Iguaçu, pertencente ao município de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná, foi criado pela Lei Municipal nº 431, de 18 de dezembro de 1964, lei esta que entrava em vigor a partir de primeiro de janeiro de 1965. Assinava a lei o então prefeito do município, Sr. Oziris Santos.

A lei supracitada delimitava o distrito com confrontações:

Ao Norte com o município de São Miguel do Iguaçu, pelo Rio Ocoy, partindo da divisa do Distrito de Stª Terezinha nesse Rio, e por ele abaixo, até a sua foz, no Rio Paraná; a Oeste, com a República do Paraguai, pelo Rio Paraná; deste a Foz do Rio Ocoy até a Foz do Rio Bela Vista; ao Sul, com o 2º Distrito deste Município, pelo Rio Bela Vista, desde a sua Foz e por ele acima até encontrar a divisa do Distrito de Stª Terezinha, pela linha divisória do mesmo desde o Rio Bela Vista até o Rio Ocoy.⁷

Alvorada do Iguaçu tinha o perímetro originalmente integrante da antiga Colônia de Nacionais Passo Cuê, esta com um território de 36.250 hectares⁸, que foram subdivididos em 1788 lotes, 107 quadras. No projeto da colonizadora foram reservados lotes para praças, escolas, indústrias e até para um aeroporto.

Alvorada, como era chamada pelos seus habitantes, era um distrito ativo. Sua população era formada, em sua maioria, por migrantes oriundos dos estados vizinhos, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Muitos vinham a convite de amigos que já haviam se mudado para lá. A colonizadora vendia (de 1964 a 1975) uma média de oito lotes por mês. Alvorada logo tornar-se-ia uma comunidade. Neste ponto acho pertinente relacionarmos o conceito de comunidade, que se apresenta da seguinte maneira:

[...] termo normalmente usado para indicar um grupo concreto delimitado por alguma característica comum (de ordem territorial, étnica, religiosa, profissional) mas também uma qualidade específica das relações entre os que compõem o grupo (proximidade social e pessoal, intimidade, contato, harmonia, consenso, uma certa igualdade). (COMERFORD, 2005, p. 112, grifo de autor).⁹

⁷ Lei Municipal nº 431, de 18 de dezembro de 1964. Foz do Iguaçu, Pr.

⁸ MYSKIW, Antonio Marcos. Colonos, Posseiros e Grileiros: conflitos de terra no Oeste Paranaense. Dissertação (Mestrado em História) Programa de pós-graduação interinstitucional em História UFF/UNIOESTE. Niterói, Rio de Janeiro. 2002. p 203.

⁹ Ver COMERFORD, John. In.: MOTTA, Márcia, (Org). Dicionário da Terra. Rio de Janeiro, RJ. Civilização Brasileira, 2005. p 112.

Alvorada do Iguaçu tinha em torno de 7.000 habitantes no auge de sua existência (1976), mas em 1965 esse número se limitava a umas poucas dezenas de clientes da colonizadora Ghilen (de propriedade de Adolfo Ghilen), empresa responsável pelo loteamento e venda dos terrenos aos primeiros habitantes. O primeiro, vale aqui ressaltarmos, foi Arino Cardoso, na época com apenas 22 anos de idade, que viu na localidade de terrenos bem delimitados e simétricos, “[...]vila que havia surgido...para ser uma cidade planejada [...]” (PALMAR, 2006, p. 237), a possibilidade de um futuro promissor.

Ao ser indagado sobre sua vinda, o comerciante Arino Cardoso fala:

Vim de Turvo, Santa Catarina. Mas eu vim moleque pra cá. Cheguei aqui em 55 em Santa Terezinha, eu tinha 15 anos, vim com a família, eu era o mais velho, o pai a mãe, eu e mais quatro pra baixo, e eu é que comandava. Desde aquela época já queria saber de ficar rico né, mas nunca fiquei, é sou rico né, porque tenho saúde, eu só sabia trabalhar e mais nada. Pra você saber, eu trabalhava o dia inteiro na foice, no machado, na enxada, e no domingo eu ia tocar baile pra ganhar uns trocados. Quantas matinês seu pai dançou que eu toquei. (CARDOSO, A. 2007)¹⁰

O distrito tinha como atividade econômica primária a agricultura, mas havia também casas de comércio, armazéns, postos de combustível, bares e bazares, setores de prestação de serviços, como contabilidade e construção civil, além de setor de transportes. A agricultora Dorotildes dos Reis Casanova, que em Alvorada do Iguaçu também teve casa de comércio, conta que, na economia de lá: “tinha comércio, lavoura, de tudo um pouco. O básico que precisava tinha tudo.” (CASANOVA, D. 2007).¹¹ O comércio local também tinha estreita relação com o município de Foz do Iguaçu e com o país vizinho, o Paraguai. Isto se deve basicamente à localização geográfica, dada a proximidade dos mesmos e ao fato de Alvorada ser “caminho” para ambos, tendo como estrada principal a rodovia Foz - Guaíra.

¹⁰ CARDOSO, Arino. Entrevista. Santa Terezinha de Itaipu, 11 Fev. 2007.

¹¹ CASANOVA, Dorotildes dos Reis. Entrevista. Santa Terezinha de Itaipu, 11 Fev. 2007.



Foto 10 - Posto de combustíveis em Alvorada do Iguaçu.¹²

É interessante notarmos que na época, ainda não se fazia a comercialização do álcool combustível, hoje conhecido como Etanol, o que explica a existência de apenas dois tipos de bombas, as de diesel (azuis) e de gasolina (vermelhas). Estacionado junto às bombas, um caminhão caçamba de propriedade do mesmo. Ao fundo, um carro passa pela rodovia, indo em direção a Guaíra. A rodovia ligava os municípios de Foz do Iguaçu e Guaíra.

A população do distrito era ativa religiosamente. Alvorada do Iguaçu tinha duas igrejas, de religião católica (católica apostólica romana) e evangélica (igreja evangélica de confissão luterana no Brasil, IECLB). A segunda inclusive teve seu nome tramitando na câmara de vereadores de Foz do Iguaçu, quando o vereador Aldivo Wegner¹³, através de uma indicação¹⁴ datada de 21 de novembro de 1979, pede ao então prefeito, o Coronel Engenheiro Clóvis da Cunha Vianna, a doação de um terreno urbano no distrito de Santa Terezinha, a fim de se reconstruir naquela localidade o templo daquela congregação religiosa. A sede da IECLB do distrito de Alvorada do Iguaçu havia sido desapropriada pela Itaipu e o valor não era suficiente para se refazer o que existira.

¹² Acervo particular de Doraci Leite dos Reis Melchior. Set. 1976. A foto acima é de um posto de combustíveis em Alvorada do Iguaçu, de propriedade de Derly Melchior. Mostra o proprietário apoiado em uma das quatro bombas de combustível do estabelecimento que atuava sob a bandeira da Atlantic, extinta em 1993 por conta da incorporação feita pela rede Ipiranga.

¹³ O referido vereador participou da 8ª legislatura da casa de leis iguaçuense, tendo um mandato de 6 anos.

¹⁴ Indicação 32/79, de 21 de novembro de 1979. Foz do Iguaçu, Pr. Documento em anexo.



Foto 11 - Visita do então Bispo de Toledo ao distrito de Alvorada do Iguaçu¹⁵

Ainda tratando do setor religioso do distrito, a professora Solange Marilene Melchior do Prado conta que “As pessoas frequentavam muito a igreja né, eu sempre estava lá, fazendo apresentações e tudo. As pessoas eram todas bastante envolvidas.” (PRADO, 2007).¹⁶ Dorotildes Casanova, ao ser indagada se a comunidade era ativa religiosamente, respondeu: “Sim, era! Vixe!” (CASANOVA, D. 2007)

A vida social do distrito dispunha de bares e lanchonetes, bolichos, igrejas e até o Clube Pescoço de Boi. Além dos bailes de fim de semana, que aconteciam nos dois salões de baile de que dispunha o distrito de Alvorada do Iguaçu, construídos pelos próprios moradores da localidade, um deles inclusive, com pista de dança provida de molas. Molas dianteiras de camionetes (geralmente da Ford F 350), em formato espiral, adquiridas junto a mecânicas, ferros-velhos e com os próprios moradores. Instaladas sob os caibros que sustentavam o assoalho da pista. Era nesses salões que a comunidade brincava o carnaval, comemorava aniversários e casava seus filhos.

¹⁵ Acervo particular de Dorotildes Casanova. (1973). Na foto, a movimentação na igreja católica de Alvorada do Iguaçu por ocasião da visita do Bispo de Toledo, Dom Armando Círio, no ano de 1973. D. Armando é atualmente Bispo Emérito de Cascavel e, a partir de 1978 a comunidade passava a pertencer à diocese de Foz do Iguaçu. A estrada de chão batido acomoda a população que se aglomera para o encontro. Homens, mulheres e crianças entre a construção de madeira ladeada por árvores de poucos anos (dada a estatura) e uma rala lavoura de mandioca (comum na região). A cruz presente na foto é alusiva às missões (cruzes como esta são também comuns em nossa região, geralmente contendo a data em que foi afixada) e, apesar de parecer, não estava sendo inaugurada naquela ocasião, apenas serviu de palco para o ocorrido.

¹⁶ PRADO, Solange Marilene Melchior do. Entrevista. Santa Terezinha de Itaipu, 11 de Fev. 2007.



Foto 12 – Baile de carnaval em Alvorada do Iguaçu.¹⁷



Foto 13 – Festividade em Alvorada do Iguaçu.¹⁸

A política em Alvorada também se fazia presente e ativa. Há inúmeros registros desta monta, alguns até curiosos. O distrito elegeu, no ano de 1977, um vereador para representá-lo.

¹⁷ Acervo particular de Dorotildes Casanova. [197-] Na foto 12, um baile de carnaval no distrito de Alvorada do Iguaçu. Podemos observar os foliões descansando, sentados no chão em meio a serpentina. Nas mesas, o sinal de que o consumo de bebidas era grande neste tipo de festividade. Detalhe interessante é o menino que quase passa despercebido (apesar de encontrar-se no centro da foto), com uma máscara do Batman. Igualmente curiosa é a presença de um penico, na mesa à esquerda, provavelmente parte integrante de alguma fantasia carnavalesca.

¹⁸ Acervo particular de Dorotildes dos Reis Casanova. [197-] Na foto é possível visualizarmos, além de outra modalidade de divertimento e relacionamento social, a presença inconfundível das raízes dos colonizadores do local. Em um baile, os músicos perfilados, vestidos à caráter (pilchados e provavelmente tocando músicas ou declamando poesias e trovas gauchescas), no palco de um dos salões de que dispunha o distrito. O registro de tal festividade demonstra um profundo interesse por parte do fotógrafo em perpetuar a presença dos músicos naquele tablado, fosse pela importância dos músicos ou mesmo do palco.

Morador do distrito e trabalhador do setor agrícola, Sérgio Spada¹⁹, do extinto Movimento Democrático Brasileiro, MDB, foi o terceiro candidato mais votado nas eleições para a casa legislativa de Foz do Iguaçu naquele ano, o vereador mais jovem do município, tendo à época, 20 anos de idade. (Seu mandato estendeu-se até 1983). Este fato demonstra claramente a força do distrito unido em torno do mesmo objetivo, ter o seu representante na casa de leis municipal²⁰.

Era por meio deste vereador que o distrito fazia suas reivindicações, já que por vezes parecia estar abandonado pelo município. No dia 10 de março de 1977, por exemplo, o vereador Sérgio Spada entrava com requerimento junto à Câmara de vereadores de Foz do Iguaçu com pedido de reparos na iluminação pública da avenida principal do distrito de Alvorada. No referido documento, o vereador diz que, “[...] há aproximadamente 100 (cem) focos de iluminação pública, mas nem sequer uma delas funciona (acende) [...]”²¹. O requerimento do vereador, destinado à prefeitura municipal de Foz do Iguaçu, diz ainda, dotado de uma “extrema sutileza”, que esta situação em que se encontrava o distrito estava “[...] dando à noite aos que passam, e aos que moram neste local, uma impressão de total abandono por parte dos encarregados pelo setor.”²²

Alvorada, por conta de sua movimentação política, teve até registros sobre um “subversivo”. Segundo o jornalista Aluizio Palmar²³, Belmiro Mariani, proprietário de um armazém (também chamado de “bolicho”) permitiu um encontro político em seu estabelecimento. Este encontro, acontecido em 1978, na verdade era o discurso do deputado Alencar Furtado (cassado em 1977), político conhecido no estado, que estava em visita à região fazendo campanha para o filho, Heitor (posteriormente eleito deputado federal com expressiva votação. Morreu no ano de 1980). Por conta deste encontro que lotou seu estabelecimento, Belmiro foi fichado pela 2ª sessão do Batalhão de Fronteiras como “subversivo” e passou a receber visitas periódicas dos militares.²⁴

A segurança no distrito, foi dada como preocupante no ano de 1976, como citado no jornal Folha de Londrina, do dia quatro de maio do mesmo ano, onde o delegado adjunto da 6ª subdivisão policial (sediada em Foz do Iguaçu), Almeri Pedro Kochinski “[...] lamenta que a

¹⁹ Sérgio Spada continuou na vida política, elegendo-se mais tarde para o cargo de Deputado Estadual entre os anos de 1983-1987, Deputado Federal (Constituinte), entre os anos de 1987-1991 e Deputado Federal entre os anos de 1991-1995. Foi um dos entrevistados por nossa pesquisa e com ele, dialogaremos mais adiante.

²⁰ Todos os dados referentes às legislaturas da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu podem ser acessados pelo site do arquivo público municipal, bem como pelo site da Câmara de vereadores do município pelo endereço eletrônico, disponível em < <http://www.cmfi.pr.gov.br/publico.php>>.

²¹ Requerimento nº 19/77, de 10 de março de 1977. Arquivo Público do município de Foz do Iguaçu. Foz do Iguaçu, Pr. Documento em anexo.

²² Idem.

²³ Ver PALMAR, Aluizio. Onde foi que vocês enterraram nossos mortos? Curitiba: Travessa dos Editores, 2006.

²⁴ Op. Cit. pp 238-239.

falta de recursos do órgão torne impossível um atendimento especial a Alvorada, onde, em dois meses, aconteceram oito dos doze homicídios praticados no município.”²⁵

Pelo título da mesma matéria; “Em 1983, o fim dos tempos para Alvorada do Iguaçu”, publicada em quatro de maio de 1976, percebemos que já naqueles anos, o que se via era um horizonte trágico para o distrito. Isso explica o abandono mencionado no requerimento do vereador, citado acima. O município de Foz do Iguaçu já não via mais motivos para investir em uma localidade fadada ao desaparecimento. A população de Alvorada do Iguaçu, que pagava seus impostos ao município de Foz do Iguaçu, já não recebia deste o retorno em infraestrutura, segurança ou o que quer que fosse necessário. Prova deste descaso está nas palavras do então chefe de gabinete da prefeitura de Foz, Capitão Acácio, que na mesma matéria, ao ser indagado sobre o distrito, disse: “Não estou nem um pouco preocupado com a sorte daquele povinho.”²⁶ Ora, se o povo que o político representava, não representava para ele a pauta principal de seus serviços, o que o faria?

O projeto de lei 30/79, datado de 21 de agosto de 1979, de autoria do prefeito Clóvis Cunha Vianna, vinha revogar a lei nº 431, que criara, em 18 de dezembro de 1964, o distrito de Alvorada do Iguaçu. Este projeto, encaminhado à Câmara de vereadores de Foz do Iguaçu, tinha como ementa a extinção do distrito. Em sua justificativa, o projeto dizia:

Senhor Presidente, como é público e notório, graças ao evento de Itaipu, vimos o nosso município crescer vertiginosamente, e com esse desenvolvimento, surge como era de se esperar, os problemas advindos de todo progresso.

O distrito de Alvorada do Iguaçu, não fugiu às conseqüências previsíveis deste fenômeno e terá a área de sua sede completamente inundada.

A Itaipu Binacional já indenizou ao município os imóveis bem como as benfeitorias existentes naquela área e pertencentes à municipalidade, havendo inclusive indenizado praticamente a todos os proprietários daquela área.

Pelo acima exposto e diante das circunstâncias, perde o sentido a manutenção daquele distrito por parte da municipalidade, daí a razão de termos elaborado o presente projeto, para o qual contamos com a manifestação favorável dessa colenda casa de leis.²⁷

Graça. Do latim, *gratia*, substantivo feminino que no plural significa agradecimento. É interessante quando, ao analisarmos a justificativa do projeto de lei, encontramos nas palavras do autor, a explícita culpa do próprio distrito em estar com o destino selado, afinal, ele nada fez para evitar o alagamento, não fugiu às conseqüências. Não obstante, o prefeito ainda agradece à Binacional por tudo o que está acontecendo.

²⁵ Em 1983 o fim dos tempos para Alvorada do Iguaçu. Jornal Folha de Londrina. 04 de maio de 1976.

²⁶ Idem.

²⁷ Projeto de lei 30/79, datado de 21 de agosto de 1979. Foz do Iguaçu, Pr. Documento em anexo.

Coincidentemente ao citado no terceiro parágrafo da justificativa, Mazzarollo diz que “[...] Itaipu indenizou primeiro a infraestrutura (escolas, igrejas, hospitais, clubes, estabelecimentos comerciais), desarmando e esvaziando as comunidades, de modo a inviabilizar a permanência dos moradores e o surgimento de resistências organizadas.” (MAZZAROLLO, 2003, p. 53). Isto justifica o discurso do prefeito. A prefeitura já havia sido indenizada, recebera o que lhe era de direito e, aparentemente, estava lavando as mãos em relação ao futuro daqueles moradores.

Outro fato curioso é que, segundo estudo da CPT, até dezembro de 1978, haviam sido realizados menos de 700 acordos de desapropriação, de um total de mais de 8.000. No relatório anual da própria Binacional²⁸, relativo ao exercício de 1981, consta que haviam sido indenizados até 31 de dezembro de 1980, na margem esquerda do rio (lado brasileiro) 60.539 hectares, tendo ainda uma área de 39.461 hectares a serem indenizados. Estes dados mostram claramente que ainda haviam muitos a serem indenizados. Prova disso foram os inúmeros embates entre agricultores e Itaipu, exaustivamente citados e abordados em diversos estudos como os de Mazzarollo (2003), Mezzomo (2009) e Germani (2003).

Gernote Gilberto Kirinus, um gaúcho que em 23 de fevereiro de 1975 chegava ao distrito de Entre Rios para assumir o pastorado da IECLB naquela localidade (que à época era pertencente ao município de Marechal Cândido Rondon) no Oeste do Paraná e que, posteriormente, elegeu-se para o legislativo estadual, pelo extinto MDB²⁹, em 1978, militava em nome da CPT, da qual era secretário desde 1977, quando já estava morando em Marechal Cândido Rondon, concedeu entrevista a Frank Mezzomo, onde fala da construção de Itaipu, das desapropriações e das mudanças na configuração espacial da região.

O pastor fala que:

Quando a ameaça da inundação de Itaipu se tornou real e visível com a visita dos técnicos de Itaipu para fazer o levantamento de benfeitorias nas propriedades a serem indenizadas em quase todas as comunidades religiosas tanto católicas como luteranas haviam grupos de reflexão (1976/77). Esta base foi fundamental para uma rápida mobilização da população que seria atingida pelas águas de Itaipu. (MEZZOMO, 2009, p. 38)

Ainda respondendo sobre a relação entre a religiosidade local e a luta e resistência dos moradores da região ao alagamento, Kirinus, com uma dura crítica ao então bispo católico de Foz do Iguaçu, complementa:

Sempre achei muito curiosa e inteligente a forma com que se move no tablado do jogo de xadrez a figura do bispo. Nunca de frente, sempre na

²⁸ Relatório anual da Itaipu Binacional referente ao exercício de 1981. p 47.

²⁹ O Movimento Democrático Brasileiro era partido de oposição ao governo militar da época. Durante a ditadura militar o Brasil vivia um bipartidarismo. A situação contava com a Aliança Renovadora Nacional, ARENA.

diagonal. É lógico, pois a posição que a Igreja ocupa numa sociedade que dividida na dimensão de opressores e oprimidos não deixa abertura para outro tipo de movimento. (MEZZOMO, 2009, p. 49)

Ao contrário do que possa parecer, o discurso do pastor demonstra sua insatisfação perante a mediação religiosa diante dos problemas da população local. O movimento a que Kirinus se refere diz respeito à neutralidade de algumas autoridades eclesiásticas que por vezes pareciam não apresentar maiores comprometimentos com as causas vigentes. Segundo ele, havia um “[...] natural comprometimento com as forças do poder dominante.” (MEZZOMO, 2009, p. 49). Faltava um maior comprometimento. Sobre esse “movimento do bispo”, fazendo referência ao então bispo da diocese local, Dom Olívio Fazza, o pastor Fuchs, vendo de forma diferente, defensiva, citava que ele “[...] tinha o desejo de evitar o conflito, e Itaipu recorria a ele como mediador.” (MEZZOMO, 2009, p. 24).

A obra de Mezzomo (2009) traz em suas entrevistas, claros indícios do embate entre população local e governo, tanto nas esferas locais como estadual e até nacional. Traz também posicionamentos das entidades e grupos religiosos, favoráveis aos desapropriados, e até alguns embates dentro dos próprios grupos.

O próprio Kirinus, referindo-se às desapropriações “alfinetou” em uma de suas obras, citada por Mezzomo: “ ‘Dividet et gaudet’. Foi este o processo adotado pela Itaipu para efetivar as indenizações” (KIRINUS, 1979, p. 37, grifo de autor)³⁰.

A situação vivenciada pelos agricultores da região em relação à barragem de Itaipu guarda algumas semelhanças com outras situações vivenciadas por moradores de outros ambientes atingidos por barragens no Brasil. Em decorrência desses embates surge até um movimento conhecido como Movimento dos Atingidos por Barragens, MAB.

No tempo presente existem muitos projetos de hidrelétricas em curso no país, sendo que o caso que pode ser considerado mais emblemático é o de Belo Monte. Dom Erwin Kräutler (2011), bispo da região do Xingu e presidente do Conselho Indigenista Missionário, CIMI, em carta aberta à opinião pública³¹, relata seu descontentamento com a falta de diálogo entre os atingidos pela construção de Belo Monte e as autoridades do governo. Kräutler comenta que “Nestes últimos anos não medimos esforços para estabelecer um canal de diálogo com o Governo brasileiro acerca deste projeto. Infelizmente, constatamos que este almejado diálogo foi inviabilizado já desde o início.”³²

³⁰ MEZZOMO, 2009, p. 24.

³¹ Ver KRÄUTLER, Dom Erwin. Belo Monte: O diálogo que não houve. Carta aberta à opinião pública nacional e internacional. In.: Boletim da AGB-MCR. Número 17, I quadrimestre, Abr. 2011 ISSN: 1981-4054

³² Idem, Ibidem.

Em proporções locais há também a polêmica sobre a construção de uma segunda hidrelétrica no Arroio Guaçu, entre os municípios de Marechal Cândido Rondon e Nova Santa Rosa, Oeste paranaense. Lia Dorotea Pfluck (PFLUCK, 2011)³³ comenta em artigo a discrepância entre a preocupação com a preservação do meio ambiente e a ganância inexplicável do interesse no potencial hidrelétrico em uma região já beneficiada pela energia de Itaipu.

O processo de modernização em vistas à produção de energia a partir da construção de barragens, bem como seus embates estimulou obras de ficção, como é o caso de “Narradores de Javé”. O filme brasileiro “Narrador de Javé” (premiado no Brasil, Canadá, Suíça, Bélgica e Uruguai), dirigido por Eliane Caffé, narra a odisséia de um vilarejo prestes a ser inundado pelas águas do reservatório de uma hidrelétrica. Na tentativa de salvar seu território, os moradores organizam a ideia de escrever um livro sobre a história de Javé, transformando seu local em patrimônio histórico e evitando, assim, a desapropriação e o alagamento. Para essa tarefa é convocado o único morador alfabetizado do vilarejo, Antônio Biá (representado pelo ator José Dumont). Em suas andanças por Javé, Biá vai “colhendo narrativas” sobre o local, na busca de registrar a história de Javé. A missão do “historiador” começa a se complicar quando ele começa a se deparar com diversas versões sobre o surgimento do povoado. Daí por diante, o filme aborda um sem número de representações dos autóctones em relação com Javé. A película também aborda, com tom melancólico, a tristeza da população em deixar seu “lar”.

Lar, nesse ponto, é clara referência à topofilia, ao Telurismo. A população sofre em ter que dar as costas para tudo o que se fazia seu. Sua casa, suas ruas, sua igreja, suas árvores e suas flores, sua terra. O tema cemitério também é abordado no filme. Em resenha sobre este, Marta Kanashiro cita:

Em outro momento, uma das moradoras de Javé argumenta perante uma câmera digital que a hidrelétrica não poderia ser construída lá onde estavam enterrados seus antepassados e seus filhos que morreram. Eles não poderiam ficar embaixo d'água. De forma sutil, a cena introduz no filme essa questão fundamental do patrimônio imaterial, a cultura, e os laços diversos que podem existir com um pedaço de terra. (KANASHIRO, 2011)³⁴

³³ Ver PFLUCK, Lia Dorotea. Hidrelétrica em Marechal Cândido Rondon – Pr: Necessidade? In.: Boletim da AGB-MCR. Número 17, I quadrimestre, Abr. 2011 ISSN: 1981-4054

³⁴ KANASHIRO, Marta. Narradores de Javé, um filme sobre memória, História e exclusão. Disponível em <<http://www.comciencia.br/resenhas/memoria/narradores.htm>>. Acesso em 21 Fev. 2011.



Foto 14 – Cena do filme *Narradores de Javé*. O personagem Antônio Biá olha, pela última vez para a igreja de Javé, já quase totalmente submersa pelas águas da represa.³⁵

Num choque entre ficção e realidade, deparamo-nos com vários exemplos. Assim como na obra supracitada, a população de verdade também se mobiliza, articula-se e, seja por voz própria ou por meio de representantes, faz ouvir seu discurso. Esta voz, pode não ser frequentemente levada em conta, mas ainda assim, se fazem ouvir reivindicações.

Na sessão da câmara de vereadores de Foz do Iguaçu, do dia 12 de setembro de 1979, por unanimidade, o projeto de lei que extinguiria Alvorada do Iguaçu, foi rejeitado. Oito meses depois, reapresentado, o mesmo projeto então foi aprovado, extinguindo legalmente o distrito. Mas fora desta casa de leis, as lutas e os conflitos pela terra e pela identidade ainda fervilhavam, e cada vez mais, e assim continuariam por muito tempo. Em 27 de outubro de 1982 o lago engolia Alvorada com suas águas turvas.

³⁵ Disponível em <<http://www.ufmg.br/boletim/bol1561/quinta.shtml>> Acesso em 21 Fev. 2011.



Foto 15 - Vista aérea do lago artificial de Itaipu, no extremo Oeste do estado do Paraná. À direita, Brasil e à esquerda, o Paraguai. No canto inferior esquerdo, pode-se observar a represa de Itaipu.³⁶

O lago artificial de Itaipu atingiu 1.606 propriedades urbanas e 6.913 propriedades rurais, perfazendo um total de 101.092,52 hectares. Segundo Edson Belo, “As águas do reservatório inundaram tanto áreas rurais como urbanas, habitadas por cerca de 42.444 pessoas.” (SOUZA, 2009, p. 60). A todas essas pessoas vinha o mesmo discurso, proferido pelo governo da época, que, ainda segundo Souza, dizia:

A noção de desenvolvimento que se tornou hegemônica em nossa sociedade associou as ideias de progresso, de bem-estar, de melhoria, a um sentido evolutivo unilinear, onde os povos puderam ser classificados numa escala que vai do atraso ao progresso, do tradicional ao moderno, ou ainda do subdesenvolvimento ao desenvolvimento. (SOUZA, 2009, p. 27).

³⁶ Acervo particular do autor. Jan. 2012.

É frequente o discurso legitimador de progresso. Em tempo: “Não se vive sem energia elétrica.” Será? Nossos bisavós viveram. Sem carro, sem celular, sem internet, sem antidepressivos. O progresso, tal qual uma moeda, tem dois lados e caso jogada para cima, dificilmente cairia em pé. O progresso levado a cabo sempre beneficiará uma parcela dos atingidos, os outros, serão apenas atingidos pelo progresso.

O que sobra desse discurso do progresso são suas eternas justificativas. Em recente matéria publicada no jornal O Paraná, a Itaipu é ovacionada com mais um recorde de produção de energia, “A maior hidrelétrica em geração de energia do mundo fechou o mês de fevereiro com recorde histórico. A Itaipu acaba de superar 2006 na geração de energia, com produção de 7.320.405 Megawatts-hora.”³⁷

O que não aparece nos jornais e nas revistas, é o custo imaterial que foi pago para que este progresso se instaurasse na região. Pior ainda, lembremos que este preço foi pago pelos agricultores e moradores da região, não pelo governo federal, não pelos engenheiros. Pagou-se o progresso com moeda autóctone, com o som das Sete Quedas de Guaíra, com a fertilidade do chão vermelho de Itacorá, com a remoção dos mortos de Alvorada do Iguaçu.

Às custas da ideia da necessidade de desenvolvimento, o governo da época adjetivou a região com subdesenvolvida, atrasada, e, “na marra”, compramos nosso desenvolvimento, e pagamos por ele um preço muito alto.

3 CEMITÉRIOS.

³⁷ Jornal O Paraná. 02 Mar. 2011. Caderno cidades, p. 08. Cascavel, Pr.

Na obra *O Bem Amado*, de Dias Gomes, em meio a uma conturbada e acirrada disputa política, na busca de atingir a chefia do executivo municipal, Odorico Paraguaçu, após acompanhar um enterro de um conterrâneo na cidade vizinha (já que Sucupira não tinha um cemitério próprio), brada em meio ao público: “Quem idolatra sua terra, deseja nela descansar!”

Ninguém sepulta seus amigos, familiares, distante de si mesmo. Tampouco deseja ser sepultado longe dos seus. Cemitérios têm esse papel nas sociedades ocidentais, manter próximos aqueles que já estão distantes demais. Mas nem só de cemitérios vivem os mortos. Existe um sem número de variáveis para o destino dos que se foram, e aqui me refiro a questões terrenas, aos restos mortais, não às almas, espíritos ou quaisquer entidades que pelas mais diversas crenças religiosas possam existir.³⁸ Dando-lhes o devido respeito e atenção na tentativa de compreendê-los, permito-me deixá-los de lado para primeiro falar do destino do biológico, em meio a tudo isso, atrever-me-ei a sutilmente falar do metafísico num sentido mais profundo.

Também chamados de necrópole, campo-santo ou sepulcrário (*sm* (*gr koimetérion* pelo *lat*) 1 Terreno destinado à sepultura dos cadáveres humanos.)³⁹, os cemitérios também podem ser vistos como fontes de pesquisa, chegando a ser chamados por alguns de “museus a céu aberto”, dada a quantidade de informações que concentram. Segundo Egiselda Charão “[...] os indivíduos forjam laços de pertencimento ao redor de determinados espaços, territórios e atividades, que acabam por constituir-los enquanto sujeitos históricos e sociais.” (CHARÃO, 2009). Ainda tratando de cemitérios, Harry Bellomo frisa:

A habitação dos mortos pode parecer como sala coberta por terra (etruscos), pirâmides (egípcios), grutas funerárias (hebreus), túmulos aéreos (Índia), catacumbas (romanos), jazigos, capelas, mausoléus, etc. Desta forma, os

³⁸ Em tempo, é relevante comentarmos aqui alguns acontecimentos do tempo presente. No dia 02 de maio de 2011, o governo estadunidense, por meio do presidente Barack Obama, veio à público informar que Osama Bin Laden, até então o terrorista mais procurado do mundo, estava morto. Sobre seu sepultamento, foi noticiado no site G1: “Fontes do governo confirmaram que o corpo foi sepultado no mar, conforme o que seria o costume islâmico. Nenhum país teria aceitado receber o corpo do terrorista, segundo as fontes citadas. Sepultar o corpo de Bin Laden no mar garantiria que seu local de repouso final não se tornasse um templo para peregrinação de seus seguidores, segundo a TV americana ABC.” Em contrapartida a este fato, dois dias depois, o site do jornal O Globo noticiava o resgate de corpos de vítimas do acidente aéreo da Air France, ocorrido em 2009: “A operação de resgate dos corpos de passageiros do voo 447 da Air France, que caiu no Atlântico no dia 31 de maio de 2009, começou nesta quarta-feira. Uma fonte ligada às investigações confirmou o início da ação, em entrevista à agência AFP, e acrescentou que, de acordo com as informações recebidas, nenhum corpo havia sido recuperado até o momento. Nesta terça-feira, horas depois do resgate da segunda caixa-preta do avião, esta mesma fonte informou que a busca pelos corpos seria realizada em até 48 horas.” Curiosos e ambíguos destinos.

³⁹ Verbete Necrópole In.: Michaelis – Dicionário Prático da Língua Portuguesa. Melhoramentos. 2001.

cemitérios se tornam a cidade dos mortos, convivendo geograficamente com a cidade dos vivos. (BELLOMO, 2000).

São inúmeras as variáveis quando do tratamento empregado aos mortos. O ponto comum em todos é a relevância do local. Aos julgados merecedores são rendidas homenagens e aos outros resta o esquecimento, mas em nenhum caso o falecido é ignorado, a todos é aplicado um destino póstumo. A arte tumular é um bom exemplo disso. Em alguns casos, as homenagens extrapolam o inteligível. Um bom exemplo é o jazigo da família Matarazzo, localizado no Cemitério da Consolação⁴⁰, em São Paulo:



Foto 01 – Mausoléu da família Matarazzo. Cemitério da Consolação. São Paulo, SP.⁴¹

A arte tumular, (apesar de por vezes transformar cemitérios em pontos turísticos, como é o caso de Père Lachaise⁴², na França), no entanto, não se faz regra, dadas condições

⁴⁰ O Cemitério da Consolação é a mais antiga necrópole em funcionamento na cidade de São Paulo e uma das principais referências brasileiras no campo da arte tumular. Localiza-se no distrito da Consolação, na região central da capital paulista. Primeiro cemitério público da cidade, foi inaugurado em 1858 com o nome de Cemitério Municipal, com o objetivo de garantir a salubridade e evitar epidemias, substituindo o hábito então recorrente de sepultar os mortos nos interiores das igrejas. Atualmente, é um dos 22 cemitérios públicos administrados pelo Serviço Funerário do Município de São Paulo.

⁴¹ GOMEZ, Leo. Disponível em <http://indiegesto.zip.net/arch2009-02-01_2009-02-07.html> Acesso em 12 Jan. 2011. A imagem acima mostra o mausoléu da família Matarazzo, o maior da América Latina, que do subsolo ao pico possui 25 metros de altura. Tem o tamanho aproximado de um prédio de três andares, ocupando uma área de 150 metros quadrados. É ornamentado por um conjunto escultório em bronze italiano, obra de Luigi Brizzolara.

⁴² O cemitério de Père Lachaise de Paris, fundado em 1804, precede em meio século os sepultamentos em cemitérios abertos decorrentes das leis e dos motivos sanitaristas, conforme ocorreu no Brasil. O Père Lachaise, que era um bosque, continuou a sê-lo e jamais perdeu o predomínio paisagístico. Suas sepulturas celebrizadas pelos nomes dos sepultados, vão desde a estela simples até a estatuária monumental e às capelas jazigo de enorme riqueza. Todavia, o distanciamento entre um e outro túmulo, a topografia em aclive, as veredas até o fim da vista e os caminhos curvos arborizados permitem um percurso e uma compreensão de todas as datas, desde os túmulos góticos transladados até o da escultura expressionista de nossos tempos. Não é à toa que este é um dos mais visitados pontos turísticos de Paris.

financeiras de quem as encomendaria. Mesmo em condições favoráveis, as homenagens podem ser esquecidas ou tratadas como desnecessárias. Quando da exumação e remoção de restos mortais, a mudança de endereço geralmente recebe apenas uma pequena placa de fins informacionais, quando muito. No caso da exumação dos corpos do antigo cemitério do distrito desapropriado de Alvorada do Iguaçu no ano de 1982, o campo-santo transformou-se em um ossuário retangular que recebera uma placa de poucos centímetros e que contém apenas um número (326), o que para muitos não tem o menor significado. Apesar do tamanho considerável, alguns dos visitantes do atual cemitério municipal de Santa Terezinha de Itaipu, cidade vizinha a Foz do Iguaçu, no extremo Oeste paranaense (onde se localiza o referido ossuário) passam por ele desavisados e ele por sua vez, passa despercebido.



Foto 02 - O ossuário foi construído quando Santa Terezinha de Itaipu⁴³ ainda era distrito do município de Foz do Iguaçu. Acervo particular, out 2010.

Com mais de 30 anos de existência, ainda não há nada que informe aos visitantes que ali se encontram sepultados os restos mortais de ex-moradores do extinto distrito de Alvorada do Iguaçu. Sobre ele apenas repousam alguns vasos de flor e uma velha imagem da padroeira do Brasil, uma demonstração de vestígios de religiosidade católica.

Infelizmente, o trato com os mortos parece ser a menor das preocupações das administrações públicas da região. Não há registros confiáveis nem dos sepultamentos nem das remoções ocorridas onde hoje se encontra o lago de Itaipu. Não foram encontrados documentos oficiais junto às prefeituras abordadas, o que demonstra ou um despreparo da

⁴³ Município localizado no extremo Oeste do estado do Paraná. Chamado de Lindeiro, pois fica às margens do lago artificial da usina hidrelétrica de Itaipu.

máquina pública em seus processos de organização, ou, a tentativa de um silenciamento da memória dos fatos ocorridos á época.

Podemos atribuir o ato de enterrar os mortos aos mais diversos motivos, dependendo do prisma a ser levado em consideração, mas de forma geral, podemos aqui elencar alguns: 1º: se deixados ao relento, os corpos atrairiam animais carnívoros e até carniceiros; 2º: o enterro é, em algumas culturas, encarado como um desfecho da vida e; 3º: é considerado por várias religiões como necessário para o renascimento em outra vida, já que; 4º: como uma semente, o corpo é enterrado no chão, para então gerar nova vida; 5º: a tradição também pode ser culpada, inclusive abarcando quaisquer motivos já citados. Durante o século XIV, na Europa (por exemplo) afligida pela Peste Bubônica⁴⁴, os enterros (pôr sob a terra) tornaram-se comuns, substituindo os sepultamentos (acondicionamento dos corpos em sepulturas, sobre a terra), muitos dos quais eram feitos dentro das igrejas.

Tarcísio Vanderlinde comenta que:

O lugar onde se guardam os mortos pode enfim ser um local que ajuda a se pensar nos valores que transcendem a própria vida. Contudo, cemitérios podem servir também para outras reflexões. É um lugar que revela a existência de um tipo de mercantilização de coisas consideradas sagradas e serviços que vão se sofisticando com o tempo. Em muitos casos, procura-se manter a posição social do indivíduo através dos materiais que se utilizam na construção da “última morada”. Quem não tem posição pode ter até a sepultura esquecida ou apagada. Por outro lado, um jazigo de destaque pode também revelar o ardor da homenagem póstuma e o amor da família por aquele ente querido que já se foi. A formatação dos túmulos indica a evolução de arquiteturas específicas de determinada época em que os mortos foram sepultados. Pode-se imaginar o costume de décadas passadas examinando a forma dos túmulos. Os dizeres do epitáfio, às vezes escritos em idiomas que expõe a situação étnica ou cultural da pessoa, pode revelar saudade, esperança ou indicar subliminarmente a situação trágica que aquele indivíduo partiu. (VANDERLINDE, 2007)

De fato, o sepultamento pode nos entregar ricos depoimentos, não só acerca do que foi sepultado, também “fala” a sepultura sobre os que executaram o sepultamento. Como exemplo disso, segue uma imagem do cemitério de Bom Jardim, distrito do município de Marechal Cândido Rondon, Oeste do Paraná⁴⁵:

⁴⁴ Também conhecida como Peste negra, que assolou mais de 30% da população européia. Alguns historiadores atribuem a ela a morte de mais de 75 milhões de habitantes.

⁴⁵ Apesar do nome do distrito, o repouso dos sepultados não lembra um jardim, quiçá bom. Na imagem, é possível identificar, mesmo sem a existência de quaisquer dados de identificação das covas, que são sepultamentos de crianças. O que se faz bem nítido também, é o abandono de tais sepulturas. Ao contrario destas, ao fundo, pode-se observar uma sepultura mais recente, ornamentada, provida de flores e indicando um zelo aparentemente contínuo.



Foto 03 – Cemitério do distrito de Bom Jardim. Acervo particular, fev 2011.

Ainda referendando as palavras de Vanderlinde, outras três fotos do cemitério de Bom Jardim⁴⁶:



Fotos 04; 05 e 06 – Cemitério do distrito de Bom Jardim. Acervo particular, fev 2011.

Na obra “Vinte Mil léguas submarinas” o francês Júlio Verne demonstra de uma forma bem inusitada o respeito aos mortos. Acho não só pertinente como enriquecedora esta citação. (Seria uma pena não compartilhá-la.) Eis o trecho do texto a que me refiro:

Observamos e veio-me ao pensamento que íamos assistir a uma estranha cena. Olhando atentamente para o solo, notei que o mesmo se intumescia em certos lugares e as pequenas elevações estavam incrustadas

⁴⁶ Três lápides distintas, respectivamente das famílias Boness, Klein e Malikoski, três senhoras que faleceram em um intervalo de quatro anos. Em todas, além das características comuns da construção, pode-se ler em todas as três os dizeres: “Hier ruht”, que, traduzido do alemão, significa “Aqui jaz”. Presume-se a descendência alemã, a religiosidade envolvida e a homenagem póstuma das famílias. Na segunda foto ainda se pode ler “andenken von familie”, que traduzido do alemão significa “memória da família”.

de depósitos calcários e dispostas com regularidade que traía a mão do homem. No centro da clareira, sobre pedestal de pedras grosseiramente amontoadas, erguia-se uma cruz de coral, abrindo longos braços, que pareciam feitos de sangue petrificado.

A um sinal do capitão Nemo, um dos homens adiantou-se e começou a cavar, a alguns pés da cruz, com picareta que tirou do cinto.

Compreendi tudo! Aquela clareira era um cemitério, aquele buraco, uma cova, e o objeto oblongo, o cadáver do homem que morrera durante a noite. O capitão Nemo e a sua tripulação vinham enterrar o companheiro naquela morada comum, no fundo inacessível do oceano!

Nunca meu espírito sofreu comoção tão profunda. Nunca ideias mais impressionantes invadiram-me o cérebro! Não desejava ver o que contemplavam meus olhos.

Entretanto, a tumba era lentamente cavada. Os peixes fugiram por todos os lados de seu retiro invadido. Eu escutava ressoar sobre o solo calcário o ferro da picareta que cintilava às vezes, chocando-se com algum sílex perdido no seio das águas. A cova alongava-se, alargava-se e em breve foi bastante profunda para receber o corpo. Então, os que o transportavam aproximaram-se. O cadáver, envolto em mortalha de bisso branco, desceu à sua única sepultura. O capitão Nemo, com os braços cruzados sobre o peito, e todos os amigos do que se fôra ajoelharam-se. Meus dois companheiros e eu fizemos uma reverência religiosa.

A tumba foi, então, recoberta com os restos arrancados do solo, que formaram pequena elevação.

Quando tudo terminou, o capitão Nemo e seus companheiros ergueram-se. Depois, aproximando-se do túmulo, todos dobraram ainda uma vez o joelho e lhe estenderam a mão em sinal de adeus...

O cortejo fúnebre retomou o caminho do Náutilo, tornando a passar sob os arcos da floresta, em meio às matas, ao longo das moitas de coral, subindo sempre. Afinal, apareceram as luzes de bordo. O rastilho luminoso guiou-nos até o submarino. A uma hora da tarde estávamos de volta.

Assim que mudamos de roupa, subi à plataforma e, dominado por terrível obsessão, fui sentar-me junto ao farol. O capitão Nemo veio reunir-se a mim. Levantei-me e disse-lhe:

- Então, conforme previra, aquele homem morreu durante a noite?

- Sim, senhor Aronnax.

- E descansa agora ao lado dos companheiros, no cemitério de coral?

- Sim. Esquecido por todos, mas lembrado por nós. Nós cavamos a cova e os pólipos encarregam-se de marcá-la com o selo da eternidade

E escondendo o rosto nas mãos, o capitão tentou em vão sufocar o soluço. Por fim acrescentou:

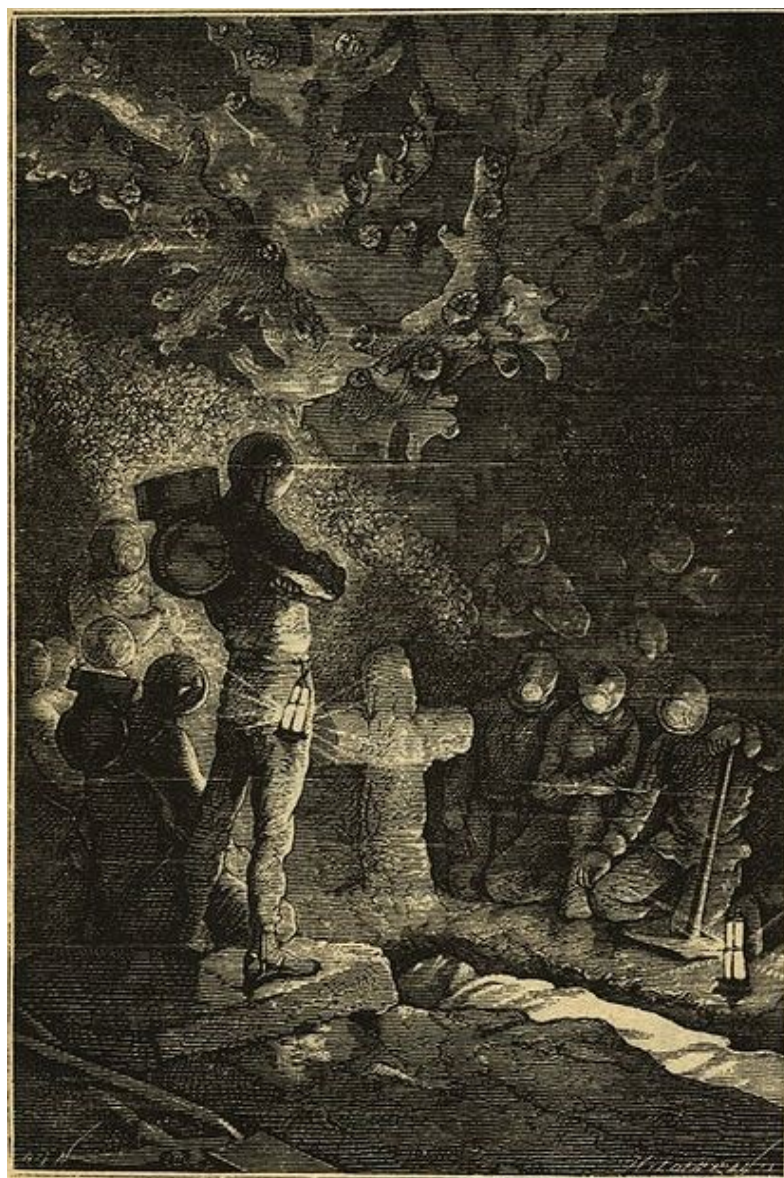
- Lá é nosso tranqüilo cemitério, algumas centenas de metros abaixo da superfície das ondas!...

- Pelo menos seus mortos ali dormem tranqüilos, fora do alcance dos tubarões.

- Sim, senhor. Dos tubarões e dos homens!...⁴⁷

A seguir, uma gravura de uma edição da obra, que retrata a passagem citada:

⁴⁷ Ver VERNE, Júlio. Vinte Mil Léguas Submarinas. Ed. Iracema. São Paulo, SP. 1ª Ed. pp 150, 151.



Gravura 01 - Um funeral subaquático em *Vinte mil léguas submarinas* da edição com desenhos de Alphonse de Neuville e Edouard Riou.⁴⁸

De certa maneira, esta passagem me remonta ao alvo de minha pesquisa, já que o falecido se encontra debaixo d'água. O sentimento demonstrado pela personagem do capitão Nemo em deixar seus ex-colegas (agora falecidos) em um imperturbável descanso, não me permite esquecer as famílias (e os sepultados) do extremo Oeste paranaense que, pelo apelo do progresso, moveram-se, migraram, forçosamente, da terra que chamavam de lar.

Sobre Júlio Verne, Ronaldo Mourão cita:

Como disse o filósofo e escritor Michel Serres: “desde a morte de Verne falta um escritor que dê à ciência o valor que ela merece”. Até hoje, o próprio nome Júlio Verne evoca as imagens de um mundo, onde o cientista era uma mente preocupada em preservar um futuro feliz e justo para a

⁴⁸ Disponível em <http://www.ihgrgs.org.br/Contribuicoes/centenario_morte_julio_verne.htm>. Acesso em 27 Jan. 2011.

Humanidade – como, por exemplo, a do Capitão Nemo, capaz de destruir os seus inventos, pois acreditava que os governos ainda não estavam prontos para recebê-los. Em consequência dos seus textos de visionário, o nome de Jules Verne tornou-se um mito universal e imortal. (MOURÃO, 2005).

A natureza dos cemitérios da região Oeste no período das desapropriações, na sua maioria, é de relação religiosa com as igrejas católica e evangélica, esta última, especificamente luterana (IECLB). O pastor Wilhelm Fugmann apresenta o surgimento dessa separação de cemitérios, relacionando o fato às diferenças religiosas:

A formação das primeiras comunidades eclesiais nas cidades do Paraná começou por motivos confessionais, tanto em Curitiba como na Lapa, em Imbituva, etc. O sepultamento de não-católicos em cemitérios católicos era consentido somente com muita dificuldade; os mais visados eram os ‘suicidas, não-católicos e os falecidos portadores de doenças contagiosas’ que não podiam ser sepultados em cemitérios católicos. Para contornar estas dificuldades, só restava uma possibilidade para os protestantes; solicitar às autoridades da cidade a concessão de um cemitério. (FUGMANN, 2008, p. 72).

No documentário “Expropriado” (FÜLLGRAF, 1983), documento que no ano de 1983 relatava o embate entre os agricultores paranaenses e Itaipu, o Pastor Werner Fuchs (na época, coordenador da Comissão Pastoral da Terra do Paraná, CPT/PR), comenta, em entrevista, que a população se deu conta (com certeza definitiva) da seriedade das desapropriações quando veio à tona o problema dos cemitérios da região⁴⁹. Eles deveriam ser removidos. Dentre os vários cemitérios removidos do extremo Oeste paranaense, existia um no distrito iguaçuense de Alvorada do Iguaçu.

3.1 O CEMITÉRIO DE ALVORADA DO IGUAÇU.

Com aproximadamente 150 sepulturas, o cemitério de Alvorada do Iguaçu localizava-se na ala nordeste do distrito, sendo delimitado por um muro baixo, cerca de 1 metro de altura. A curiosidade fica por conta dos sepultados fora dos muros do cemitério. Segundo Alfonso Melchior⁵⁰, ex-morador do distrito, estes eram os suicidas.

No fim do ano de 1999, por conta de um longo período de estiagem na região, o nível do Lago de Itaipu baixou cerca de 3 metros, possibilitando o reaparecimento da “vila” de

⁴⁹ FÜLLGRAF, Frederico. Expropriado (Filme documentário/DVD), 1983. Este ponto a que se refere o pastor Fuchs, sua angústia ia, já no início dos anos 1980, ao encontro com o que hoje é pauta da presente discussão.

⁵⁰ MELCHIOR, Alfonso. Entrevista. Foz do Iguaçu, 28 Set. 2010.

Alvorada, inclusive o cemitério. As fotos publicadas pelo jornal rondonense O Presente não deixam dúvidas quanto a existência das sepulturas:

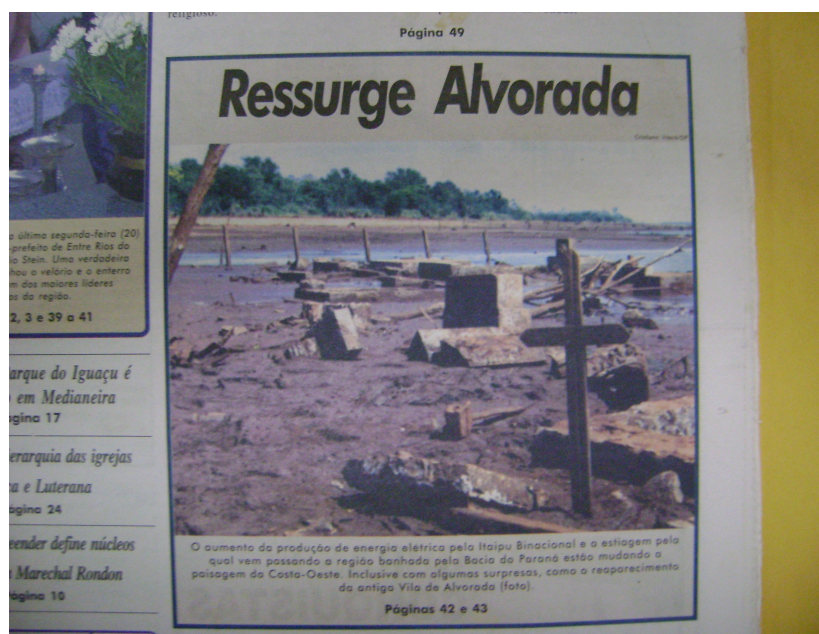


Foto 07 – Capa da edição do jornal O Presente, de 24 de dezembro de 1999⁵¹

Em outra fotografia, igualmente curiosa, a matéria do jornal mostra em maiores detalhes o que um dia havia sido um lugar de repouso dos mortos daquela vila:

⁵¹ Ressurge Alvorada. Jornal O Presente. 24 de dezembro de 1999. A cruz em primeiro plano, bem como a lápide ao fundo demonstram, em conjunto com o leito lamacento às margens da praia artificial do município de Santa Terezinha de Itaipu, que se trata do cemitério do antigo vilarejo. A edição encontra-se disponível no Centro de pesquisas da América Latina CEPEDAL, vinculado à Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE.



Foto 08 – Matéria da edição do jornal O Presente, de 24 de dezembro de 1999⁵²

No ano de 2008, outra estiagem proporcionou novo alvorecer da vila. Tivemos a grata oportunidade de presenciar o fato:



Foto 09 – Pela terceira vez, ressurge Alvorada.⁵³ Acervo particular. Out 2008.

A condição nomizante aparece nesse elo homem/território tanto quanto na religiosidade e, tão fortemente quanto, é visível, perceptível, quase tátil, palpável. Tal qual

⁵² Id, ibid. A matéria dizia: “O aumento da produção de energia elétrica pela Itaipu Binacional e a estiagem pela qual vem passando a região banhada pela bacia do Paraná estão mudando a paisagem da Costa-Oeste. Inclusive com algumas surpresas, como o reaparecimento da antiga Vila de Alvorada.”

⁵³ Acervo particular do autor. Lago artificial de Itaipu, Santa Terezinha de Itaipu, Pr. Out. 2008.

um cientista que se abraça às suas teorias ou um religioso à seus dogmas, o homem relaciona-se com seu território, com “sua morada”. Esta é a pauta de nossa próxima discussão.

4 O TELURISMO NO PROCESSO MIGRATÓRIO.

Levantemos aqui a discussão acerca da territorialidade, do encontro e identificação do homem com a terra, de seus conceitos e da relação dessas identidades territoriais com a formação e manutenção do Telurismo. A partir dessa lógica, constrói-se a bi-territorialidade e o ser não ser ligado ao território e à existência do autóctone. Este novo indivíduo é agora, dotado de multiterritorialidade.

A apropriação e colonização gradualmente são feitas por pioneiros (que aqui se entendem por “primeiros” e não por “novos”), formando assim um território, este por sua vez não se define tão somente como um espaço simbólico, a sua definição no plano do espaço se dá através de suas delimitações fronteiriças e seu controle político-administrativo, uma reordenação do espaço no espaço e cada território se relaciona direta e singularmente, com cada processo migratório, formando assim, novas identidades territoriais.

A partir deste processo, podemos pensar esta ligação entre a terra e o homem como territorialidade, elo importante que constrói identidades sociais. O gaúcho e seu “gauchismo”, o nordestino e a “nordestinidade” são apenas alguns exemplos de territorialidade. Antes, porém, gostaria de atentar a outro item, constatar o Telurismo⁵⁴, entendido como uma espécie de ligação afetiva entre o homem e o território de sua origem, um amor à sua terra natal. É este sentimento que faz o homem criar e carregar a sua identidade territorial para onde quer que ele vá, seja criando novos territórios ou adentrando naqueles já existentes.

Yi-fu Tuan apresenta a ligação do homem com o território como Topofilia. Esta, o autor define da seguinte maneira:

A palavra ‘topofilia’ é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. *Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar*, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 1980, p. 28, grifo de autor)

Para além da topofilia como sentimento (dimensão que pode ser considerada espiritual/religiosa), o termo de Tuan (1980) deve remeter-nos à cultura de um território,

⁵⁴ Ver HAESBAERT, Rogério. Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no nordeste. Niterói: EDUFF. 1997.

externa ao indivíduo. Ao receber pessoas de diversas outras localidades, os destinos se tornam culturalmente mais complexos. Cada migrante traz suas experiências e seus processos culturais para o novo território, diversificando o que antes poderia ser considerado homogêneo. Um exemplo clássico desse tipo de acontecimento foi a cidade de Constantinopla, antiga capital do Império Bizantino, que antes, na antiguidade, fora Império Romano. Foi construída sobre as ruínas da cidade de Bizâncio e, por muitos anos foi considerada como “porta” de entrada para o Oriente. Ora, Constantinopla deveria também ser pensada, logicamente, como “porta” de saída para o Ocidente. Hoje, não mais medievais, temos Istambul como uma das cidades mais claramente cosmopolitas. O encontro de culturas é de tamanha riqueza que se dissipa no ar uma “cultura original” turca.

A repetição desse processo de multiculturação (dos homens e dos territórios) é mais comum do que se imagina, mas como na maioria das vezes o grau de multiculturação é pequeno, ele passa despercebido, tal quais as dezenas de abalos sísmicos japoneses, que diariamente ocorrem, mas não atingem magnitude suficiente para causar pânico ou sequer maresia.

O processo pode ser visto como uma gênese quando pautamos que um território cria o homem e sua territorialidade, ele cria por sua vez outro território e nele incorpora identidades, eis a territorialidade. Aplicando a sua cultura social em um ambiente novo, o homem está tentando reproduzir o seu *habitat* autóctone, e este processo é então chamado de reterritorialização, que também é feito através da economia e da política.

Portugal, ao colonizar o Brasil no século XVI, não se preocupou inicialmente em adaptar as suas leis às realidades da colônia, simplesmente as aplicava, mantendo a estrutura estamental de governar (Capitanias Hereditárias, Governos Gerais). Era a reterritorialização portuguesa através da política no Brasil. A colonização italiana no Rio Grande do Sul no fim do século XIX e início do século XX, nitidamente mostrava que além de seus pertences, os italianos traziam na mala o visível interesse de prosperidade, expandindo o modo capitalista de produção⁵⁵, e como dizia Lefebvre, “ A reprodução do capital é simultaneamente, reprodução das relações de produção no movimento geral da sociedade”. Temos aí a reterritorialização através da economia.

Em debate com Rogério Haesbaert (1997), o geógrafo Cláudio Raffestin (apud HAESBAERT, 1997, p. 12) apresentou uma linha de pensamento acerca do território, batizada de T-D-R (Territorialidade, Desterritorialidade e Reterritorialidade). Destes três itens,

⁵⁵ Ver MAZZAROLLO, Juvêncio. A Taipa da Injustiça, esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu. São Paulo, Ed. Loyola, 2003. passim.

falemos agora do mais traumático de todos, o processo de desterritorialização que se dá em contextos migratórios.

A migração pode ser compreendida como processo de movimentação, transição de um ambiente para outro e que, portanto, implica em uma diferenciação entre este e aquele ambiente, tendo em meio a esta movimentação, a presença de uma linha, por vezes tênue, a que denominamos fronteira. O homem migra por pensar que seu próximo território, além-fronteiras, possa lhe proporcionar melhor qualidade de vida ou, por vezes, solução para eventuais problemas. Neste caso, quando a ele é disposta a oportunidade da escolha.

Quando a territorialidade do homem é impactada através de migrações, um elo se abala, e quando é abalado, o homem tenta de todas as maneiras retomá-la em seu novo território, essa reterritorialização é trabalhosa e só se consegue reaver um pouco desta ligação com um grupo considerável de pessoas provenientes do mesmo lugar e todas, pessoas e ligações, com muito Telurismo e saudade engasgados na garganta. Exemplo disso são os CTG's (Centros de Tradições Gaúchas) pelo Brasil afora, onde "gaúchos" rememoram sua terra. Essa reterritorialização, vai se dar em aportes de novos e velhos referenciais, trabalhosa, pois a migração que a causa é, na maioria das vezes, livre arbítrio do homem, suas relações familiares e espaciais (ou decorrente de catástrofes naturais), em busca de novos horizontes. O problema é quando não há escolha.

Quando a migração é forçada ou não há escolhas entre ir e ficar é que o trauma aparece. Judeus fugindo da Alemanha nazista na 2ª Guerra Mundial, desapropriados afastando-se das águas do reservatório de Itaipu nos anos 1970⁵⁶, nordestinos da seca e da fome, dirigindo-se ao sudeste brasileiro em massivas migrações nos anos 1960 e até nos tempos atuais, são só alguns dos exemplos de súbita desterritorialidade, que encurrala o homem e que pode ser desastrosa. Nem sempre esses, criam territórios novos, geralmente pela pressa ou sem condições ou planejamento, vêm-se obrigados a viver em territórios já existentes e diferentes, tendo para si a difícil tarefa de adaptação, criando a "bi-territorialidade", uma cotidiana e outra submissa e escondida dentro do homem acuado em um lugar que não pertence, tentando sobreviver e tentando não sofrer com seu Telurismo, agora mais saudosista do que nunca. Michael Pollak lembra que a memória "[...] ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais." (POLLAK, 1989, p. 03).

As produções familiares, priorizando nas áreas agrícolas o sustento, o abrigo e a sobrevivência dos migrantes, além da hereditariedade da posse da terra, eram características

⁵⁶ Para este último exemplo, ver MAZZAROLLO, Juvêncio. A Taipa da Injustiça, esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu. São Paulo, Ed. Loyola, 2003.

constantes entre agricultores, fossem eles os dos anos 1920 em colônias como Silveira Martins, criada em 1878 no estado do Rio Grande do Sul, acolhendo europeus⁵⁷, ou mesmo em colonizações mais recentes no Oeste do Paraná, que resultaram na criação de cidades como Mercedes e Marechal Cândido Rondon. Características como essas, já não tão comuns hoje em dia, graças ao “forte impacto da modernização agrícola”⁵⁸, enfrentado pelos agricultores, trazem à tona sentimentos de saudosismo, que às vezes vem também acompanhados de tristeza, lembranças de uma terra que ficou pra trás, algumas vezes deixada por opção, outras por necessidade e algumas vezes ainda por uma obrigatoriedade.

As desapropriações causadas pela construção da Hidrelétrica de Itaipu podem ser entendidas como um agente que provoca desterritorialização, saída de um território por motivos externos ao indivíduo. Contemplaremos essa discussão mais a frente, retomando este debate.

4.1 HISTÓRIA REGIONAL E TELURISMO.

A discussão interdisciplinar, ao eleger um recorte espacial de análise, se apropria dos conceitos de história regional, fazendo necessária, portanto, uma abordagem do assunto.

A historiografia regional, recente e ainda em constante desenvolvimento, não traz consigo a obrigatoriedade de definir o termo “região”, é preciso, porém atentarmos-nos que, quando o historiador dispõe-se a trabalhar com História Regional, se faz necessário que ele defina esse termo “região” perante seu próprio objeto de pesquisa, coerentemente. Não uma região no tempo, mas sim, uma condição de regionalidade, seja ela cultural, política, econômica ou social, por algumas vezes fazendo-se necessária a união de vários itens/sentidos como esses.

Pensando, por exemplo, através de um conceito regional, do ponto de vista geográfico, acreditamos que a História identifica-se com La Blache e seu conceito de Possibilismo Geográfico. Milton Santos e sua ideia de que o espaço é fato social, produto da ação humana, pode também ser pensado como um excelente ponto de partida a um pesquisador que queira aventurar-se na História Regional.

⁵⁷ Ver SAQUET, Marcos. Os tempos e os territórios da colonização italiana. POA. Est, 2003

⁵⁸ Sobre os processos de modernização agrícola no Oeste paranaense, ver GREGORY, Valdir. Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná. Edunioeste, 2002. p 85.

Podemos até pensar em fisionomias regionais (deixemos aos biólogos), mas isso não dá ao historiador, o fulcro necessário à sua pesquisa. É preciso, antes, que levemos em consideração todos (ou quase todos) os aspectos relevantes.

Se um historiador fosse (como tantos já foram) problematizar a questão da gênese de um município em particular, poderia ele, ater-se às questões de políticas migratórias, economia vigente, culturas migrantes, transportadas e remanescentes, população inicial e suas origens, dentre tantos outros.

O conceito “regional” já é complexo por si só, imaginem então estudarmos o processo e a criação de uma nova região. Ora, um novo conceito regional se cria, apresentam-se novos argumentos e daí então, cabe a nós, estudiosos, pautarmos os “certos”, descartarmos os “absurdos” e registrarmos as “verdades”, se possível em sua totalidade, fazendo isso através de uma mineração de fontes, sejam elas documentos, fotos, depoimentos, todos que venham ao encontro dos fatos em questão.

A historiografia regional está em constante transformação, o conceito historiográfico não está parado no tempo, e nem o historiador pode se dar a esse conforto, afinal nem o tempo, que é o tempo, pára.

A pertinência dessa discussão se baseia no diálogo que ela proporciona com o objeto dessa pesquisa. Ao tratarmos dos processos de desapropriação das terras do extremo Oeste paranaense para a formação do Lago de Itaipu, mais especificamente da remoção do cemitério do distrito de Alvorada do Iguaçu, estamos tratando não só de História, mas do regional, do telúrico, do toponímico. O cemitério é uma clara representação de ligação do indivíduo com aquele território. Os sepultamentos, em sua maioria, não são feitos distante do lugar onde mora a pessoa. O que se vê com frequência é o sepultamento com a maior proximidade possível, dadas as características das relações entre os vivos e os mortos apresentadas nesta região.

É fato que o culto aos mortos já teve (e ainda tem) as mais variadas feições. Vikings da antiguidade cremavam os mortos em barcas rústicas (no objetivo de “embarcá-los” em direção à Walhalla), enquanto islâmicos sepultam seus mortos todos voltados para Meca, de lado, envoltos em mortalhas brancas e sem o uso de caixões de madeira. É preciso, portanto, debater também esta perspectiva.

5 OS PROCESSOS DE DESAPROPRIAÇÃO E A MIGRAÇÃO DOS MORTOS.

Em sua dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional: “Os expropriados de Itaipu” publicada (somente em 2003) anos depois de sua defesa, já com o título: “Expropriados. Terra e água: o conflito de Itaipu”⁵⁹, a Doutora em Geografia, Guiomar Inez Germani (2003), comenta e registra com emoção, a luta dos expropriados em busca de uma, como eles mesmos julgavam, indenização justa para suas propriedades e para seus territórios, já que, a reestruturação espacial daquelas localidades (hoje, o lago de Itaipu, onde as pessoas se divertem, frequentando as praias artificiais dos municípios limítrofes, isto é, banhados pelo mesmo) fez com que famílias inteiras dissessem adeus a suas terras, que faziam e exerciam o papel de senhor de seus sonhos e de seus corações.

O processo de expropriação desses moradores foi, com plena e convicta certeza, assaz desgastante. A Binacional causou, em seu primeiro impacto, grande alarde, tomando conta das rodas de conversa, nas ruas, praças e comércios dos vilarejos, prostrando-se de um lado do “palco” do evento, enquanto de outro, muitos, desesperados pela desapropriação, tentavam manterem-se em pé.

Como pensa Germani (2003), hoje, poucos param e consideram, ou sequer refletem, no sacrifício desses expropriados, para que hoje, não se desgaste nem se perturbe a indústria capital nacional (e até internacional, já que nos grandes centros industriais abastecidos pela energia de Itaipu, encontramos multinacionais das mais diversas áreas de atuação), com uma suposta falta de energia, ou até, com uma simples comunidade, sofrendo com um atual improvável apagão. Vale ressaltarmos, a Binacional gerou no ano de 2011, o montante de 92.245.539 Megawatts-hora (MWh).⁶⁰ A capacidade instalada no Brasil, em 1974, era de 17.500 MWh. (SOUZA, 2009, p. 26).

Com o tempo, uma “guerra” se formou e fez com que famílias inteiras se entrincheirassem e fizessem de seu cotidiano uma batalha pela reivindicação de digno pagamento das desapropriações, já que a maioria deles (principalmente os agricultores) julgava os valores pagos, injustos, indignos e imorais. Os agricultores uniram-se, e se incorporaram ao movimento da CPT, dentre outros movimentos contra o governo, na época,

⁵⁹ Ver GERMANI, Guiomar Inez. Expropriados. Terra e água: o conflito de Itaipu. Salvador: EDUFBA: ULBRA, 2003.

⁶⁰ Disponível em <<http://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/itaipu-gera-922-milhoes-mwh-em-2011-e-tem-sua-quarta-melhor-marca>>. Acesso em 10 Jan. 2012.

representado na Binacional, instituindo-se a todo o vapor, embasada nos governos militaristas do General Alfredo Strossner e General Ernesto Geisel (Paraguai e Brasil, respectivamente).



Foto 16 – Casa desapropriada em Alvorada.⁶¹

Por volta de 1976, os preços de terras na região haviam dado um salto astronômico, chegando a valorizações inesperadas, dada a busca de terras por parte dos desapropriados, a modernização dos meios de produção agrícola, os financiamentos bancários que geraram maior movimentação e liquidez do dinheiro, em uma guerra particular de juros entre inflação e poupança, desvalorização e valorização do dinheiro, além da inflação, já presente no sistema econômico. Soma-se a isso a desvalorização dos terrenos pagos pela Itaipu e tem-se então o caos instaurado.

Como observa Edson Belo, tratando de estudos sobre Itaipu,

[...] são vários os impactos produzidos por construções de barragem [...], como negativos, a inundação de vastas áreas, a relocação compulsória das populações afetadas, os movimentos de populações induzidos durante a etapa da construção, os conflitos socioculturais relacionados a tais movimentos, os efeitos inflacionários localizados oriundos do aumento

⁶¹ Acervo particular de Dorotildes Casanova. [197-] Na foto acima, uma moradia (ou o que restou dela) desapropriada pela Itaipu no distrito de Alvorada do Iguaçu por volta de 1979. O proprietário, antes de mudar-se, retirou da construção tudo o que pudesse levar consigo, telhas, portas e janelas, deixando para trás, além das paredes e do poste de energia, a saudade. Percebe-se ainda na foto, uma considerável arborização em torno da moradia (como também na continuidade da rua de chão batido) que, apesar de “depenada”, ainda conservava a pintura em bom estado de conservação, o que representa o zelo do morador por seu patrimônio. A foto também demonstra claramente um vazio demográfico, já que as casas de madeira eram desmanchadas e levadas embora praticamente na íntegra, sendo reconstruídas posteriormente. Este foco provavelmente foi ajustado por alguém que morava ou conhecia os moradores da casa, já que ela está em primeiro plano. Talvez tenha sido registrada por recordação. É improvável que tenha sido uma foto tirada por um dos sensores da Binacional, já que se trata de acervo particular.

pontual da demanda de bens para a construção ou o consumo, as modificações advindas da construção ou inundação dos ecossistemas naturais. (SOUZA, 2009, p. 63).

Um agricultor, proprietário de um alqueire de terra, normalmente avaliado, segundo Mazzarollo (2003, p. 55), entre 120 e 130.000 cruzeiros (em abril de 1979), recebia da Binacional em conta de desapropriação no máximo 60.000 cruzeiros e, na tentativa de compra de novas terras pelas proximidades, deparava-se com a lei da oferta e da procura e com alqueires de terra sendo vendidos por preços bem mais salgados. Ainda na obra de Mazzarollo temos alguns exemplos:

[...] Olímpio Frare havia recebido 622.000 cruzeiros por 10 alqueires. Para comprar outros 10, precisava gastar um milhão. Osmar Santos recebeu 510.000 por sua terra, mas verificou depois que uma área nas mesmas proporções e de qualidade inferior custava 700.000, e ainda assim não encontrava quem quisesse vender. (MAZZAROLLO, 2003, p. 68).

Um pouco mais adiante, o autor conta que “Itaipu havia pago 80 cruzeiros por um pé de laranja num lugar e 150 em outro.” (MAZZAROLLO, 2003, p. 71). Seria pela produtividade daquele determinado pé?

Sobre as desapropriações, a agricultora Dorotildes Casanova diz que:

Todo mundo recebeu menos que o valor prometido, muita gente não conseguiu nem se colocar de novo, nós mesmo tivemos que comprar outra propriedade e pagar parcelado porque o dinheiro que a gente recebeu da Itaipu não deu para comprar outra que era quase o mesmo tamanho de terra. (CASANOVA, D. 2007).⁶²

Vale à pena ressaltar a crescente necessidade de energia no país, em pleno desenvolvimento industrial. Não se deveria ter analisado mais profundamente a viabilidade desta obra (uma das sete maravilhas do mundo moderno) em relação ao crescimento do país? Mas não devemos, no entanto, nos atermos ao país como único donatário das vantagens dessa construção. Muitos empresários desenvolveram seus patrimônios particulares ou privados, com o auxílio desta obra.

O fato de ela ser construída dentro de um regime militar fez com que seus custos não fossem tão debatidos assim. Em seu livro “Itaipu, Geopolítica e Corrupção”⁶³, Paulo R. Schilling e Ricardo Canese (1991) mostram ao leitor um ponto de vista muito intrigante, citando o custo total da obra. Segundo eles, Itaipu tinha um custo inicial de 2,033 bilhões de dólares, porém, o custo final desta obra faraônica foi de mais de 21 bilhões, uma sutil diferença. Vale aqui ressaltarmos que os autores não especificam se os valores, inicial ou

⁶² Casanova, D. Op. Cit.

⁶³ SCHILLING, Paulo R. e CANESE, Ricardo. Itaipu, geopolítica e corrupção. São Paulo, SP: CEDI, 1991.

final, contemplam inclusive as desapropriações e indenizações, afinal, levando-se em consideração a escrita empregada, não é de se esperar algum tipo de elogio em direção à Binacional. Ainda assim, cito por que houve sim diferenças entre o valor previsto e o custo final da obra, como já disse, talvez não desta monta, mas consideravelmente exorbitantes.



Foto 17 – Canteiro de obras da Hidrelétrica Binacional de Itaipu.⁶⁴

Valdir Gregory comenta que “Debater fronteiras no Oeste do Paraná possibilita tratar de questões variadas sobre a vida de homens e de mulheres nesta região.” (GREGORY, 2011). Comenta ainda que “O ato de migrar, de sair de um lugar e se estabelecer em outro lugar implica numa série de impactos no cotidiano das pessoas que vão e que ficam. Há impactos nos locais de saída de migrantes e nos locais de chegada dos mesmos.” (GREGORY, 2011).

Os processos de desapropriação causados pela construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu transformaram drasticamente a região, causaram o “ato de migrar” em uma escala maior que o casual. Os homens e mulheres que construíram a região tiveram que dar lugar aos homens e mulheres que construiriam a barragem e, mais tarde, todos deram lugar à água, que move as turbinas de Itaipu e gera a cobiçada energia, motivo apresentado pelos governos que a construíram para justificar a obra.

Souza justifica que “Conhecer a realidade regional e conhecer as peculiaridades existentes poderá significar uma força capaz de resistir ao processo perverso que está em curso sob as agruras da globalização.” (SOUZA, 2009, p. 81).

Referendando os absurdos prejuízos causados à região, Mazzarollo cita que “Pessoas, animais, plantas, terras, águas e clima pagaram e continuam pagando um elevado preço para

⁶⁴ Acervo particular de Doraci Leite dos Reis Melchior. [197-]. No dia 13 de outubro de 1982, fechavam-se as comportas de Itaipu, 14 dias depois, em 27 de outubro do mesmo ano, o processo de inundação de 1.350 quilômetros quadrados estava completo, formando o reservatório da hidrelétrica, o lago de Itaipu.

que a existência de Itaipu seja possível.” (MAZZAROLLO, 2003, p. 182). Esses valores nunca entraram na fórmula que o Estado usava para calcular o valor das indenizações pagas aos desapropriados.

5.1 A REMOÇÃO DOS MORTOS NA VISÃO DOS VIVOS.

Cícero dizia que o orador devia ser ativo e não contemplativo. De fato, o “*vir bonus dicendi*” (ou o bem falar) busca ser compreendido, afinal o discurso não deve ser anacrônico, vazio. Pelo contrário. A utilidade da retórica é refletir sobre o discurso e apresentar possibilidades e interferências que podem por sua vez, promover a aproximação ou o afastamento do ouvinte. Este fazer-se compreender merece análise. O estudo retórico aqui apresentado pretende visitar a fala de Wilson Datsch⁶⁵, ex-morador do extinto distrito de Alvorada do Iguaçu, que pertencia ao município de Foz do Iguaçu, Paraná. O discurso de Wilson não surge, como um discurso adâmico, do nada, surge sim de debate com discursos pré-existentes. Essa dialogia versa sobre a remoção do cemitério da supracitada comunidade, em fins de 1978, bem como seus desdobramentos. Para um melhor entendimento do assunto, faz-se pertinente aqui, uma pequena explanação histórica acerca do fato em questão, uma transposição prévia do discurso, minimizando quaisquer abstrações.

Por meio da indicação 29/78, de 12 de junho de 1978⁶⁶, o vereador Sérgio Spada pede providências em relação ao cemitério do distrito de Alvorada, requerendo a transladação do mesmo para o distrito vizinho de Santa Terezinha.

Além do eminente alagamento da região, o vereador ainda justifica seu pedido por meio do que ele chama de “êxodo verificado em razão da Itaipu”. Cita ainda o vereador que “com o fato acima apontado, o cemitério ficou completamente abandonado, com o crescimento de mato que, com a seca se expôs aos frequentes incêndios que tem ocorrido na região”⁶⁷.

A Binacional não poupou nem os mortos! Nem os mortos! Até eles e inclusive eles, foram removidos. As famílias foram então convocadas a reclamarem seus mortos. As que o fizeram tiveram seus familiares transladados e novamente sepultados em Santa Terezinha. Os outros foram todos reunidos em um ossuário também localizado no distrito vizinho, hoje município de Santa Terezinha de Itaipu. Estavam agora, em um grande ossuário, juntos,

⁶⁵ DATSCH, Wilson. Entrevista. Santa Terezinha de Itaipu, 04 Out. 2011.

⁶⁶ Indicação 29/78, de 12 de junho de 1978. Foz do Iguaçu, Pr. Documento em anexo.

⁶⁷ Id.

diferente dos vivos que, ao saírem, perderam sua unidade, espalhando-se como poeira ao vento.

O processo de remoção dos restos mortais remanescentes, que não haviam sido retirados pelas famílias no prazo dado pela prefeitura de Foz e pela Itaipu (noventa dias), foi feito em pouco mais de 30 dias, tendo como testemunhas oculares alguns moradores de Alvorada que ainda se encontravam nas proximidades ou até mesmo na vila, ainda “seca”. Uma dessas testemunhas oculares foi Wilson, na época um jovem com quinze anos de idade.

As respostas da entrevista de Wilson trazem uma dimensão racionalizadora, contando inclusive com uma grande antecipação de qualquer contra-argumentação. Seus argumentos não versam a um simples franzir de testa. Ele afirma com veemência que restos mortais teriam sido deixados na localidade, sendo, portanto, engolidos pelo lago (e como diria Zigmund Baumann, um sepultamento líquido). Ao ser indagado sobre a responsabilidade deste abandono, Wilson responde que:

[...] quando a Itaipu se preocupou no salvamento de todo e qualquer animal silvestre que tinha ali, esqueceu de dar um tratamento, aos seres humanos que eles tiraram dali, isso não só esqueceram daqueles com vida que saíram dali sem rumo, como deixaram para trás com certeza muitas e muitas ossadas. (DATSCH, 2010).

Wilson refere-se aqui à operação Mymba-Kuera⁶⁸, que visava o salvamento de animais silvestres da região a ser alagada. Sobre a referida operação, segue o que diz o próprio site da Binacional:

Os cuidados de Itaipu com os animais da região tiveram início em 1977, quando foi feito um levantamento da variedade e da quantidade de mamíferos, répteis e aves que habitavam a área, hoje ocupada pelo reservatório da usina. No início da formação do reservatório, em outubro de 1982, Itaipu desenvolveu a operação Mymba-Kuera, palavra que na língua guarani quer dizer “pega-bicho”. A operação resultou no resgate de mais de 30 mil animais, soltos posteriormente nas reservas e refúgios biológicos criados pela hidrelétrica nas margens brasileira e paraguaia do reservatório, com exceção das serpentes peçonhentas, enviadas para os institutos brasileiros que produzem soros antiofídicos.⁶⁹

No entanto, contrapondo o discurso de Itaipu, Mazzarollo lembra:

Ao final da Operação Mymba-Kuera [...] as equipes haviam capturado cerca de 11.000 animais na margem brasileira e cerca de 10.000 na margem paraguaia, números aparentemente expressivos, mas que se reduzem a nada quando se considera que, para cada animal salvo, pelo menos outros 50 foram vitimados pelo dilúvio. (MAZZAROLLO, 2003, p. 181).

⁶⁸ Imagem nos anexos (Ver Anexo 3)

⁶⁹ Disponível em <http://www2.itaipu.gov.br/meioa/aterr_integ.htm>. Acesso em 11 Dez. 2010.

Em bom guarani, desdém se diz “Nhembo'ava”. Um montante de 21 mil animais salvos do afogamento e eventual extinção em detrimento a 8.500 famílias desapropriadas e de território definitivamente extinto, de elos extintos, de sonhos extintos.

Sobre discurso, Ivo José Dittrich define:

[...] é entendido como prática social construída e materializada pela linguagem, onde interferem e se manifestam posições históricas e, portanto, interferências da sociedade, do contexto e de outras variáveis sobre as instâncias argumentativas e sobre o próprio discurso como acontecimento. Sendo assim, todo discurso apresenta, por princípio, algum componente de *argumentatividade* (grifo do autor): posiciona-se contra ou a favor de discursos passados, presentes e mesmo virtualmente possíveis, gerando conseqüências sobre as instâncias envolvidas. (DITTRICH, 2008, p. 98)

As conseqüências aparecem, com certeza. Exemplo de boa monta é uma resposta de Wilson mais adiante, na entrevista, quando indagado sobre o porquê das escolhas da Itaipu. Foi-lhe perguntado: “O senhor acha que ela (a Itaipu) exagerou em se preocupar demais com a natureza e esqueceu dos desapropriados, na época?” Wilson respondeu: “Era o regime militar que se vivia né? Para aqueles governantes o cidadão era o que menos interessava né? Esse é meu ponto de vista hoje.” (DATSCH, 2010).

Numa clara estratégia de legitimação⁷⁰, Wilson cita o regime político da época. A Ditadura Militar. Ele reprova e ao mesmo tempo, curiosamente, justifica as ações governamentais. Posiciona-se também no tempo histórico. Diz que este é seu ponto de vista hoje, o que nos faz compreender que ou ele não tinha este posicionamento na época ou que, no mínimo, não tinha posicionamento nenhum. Na época dos acontecimentos, Wilson tinha 15 anos de idade.

Hoje, Wilson se posiciona, crítico às ações da Itaipu:

O senhor acha isso uma atitude desrespeitosa?
Por parte da Itaipu, na época foi! Não só na área dos mortos, mas faltou uma infinidade de atenção que tinha que ser dado aos desapropriados. (DATSCH, 2010).

Seu discurso não deixa os mortos sozinhos, ele continuamente lembra-se do descaso com os vivos.

Aos vivos?
Sem dúvida nenhuma. A Itaipu desapropriava cidadão que não tinha nem noção do valor monetário que ele recebeu, e que não teve um acompanhamento, uma assessoria, vamos dizer assim, uma proposta de

⁷⁰ Para uma melhor compreensão de Estratégias Retóricas, ver DITTRICH, Ivo José. Dimensão política do discurso: Instâncias argumentativas e Estratégias retóricas. ALED 2010. Recife. Nov. 2010. Comunicação Oral.

investimento, aquele cidadão que não sabia o valor monetário que tinha em mãos, e não tinha experiência nenhuma em administrar e que acabou muitos deles sem nada. (DATSCH, 2010).

O discurso apresentado por Wilson Datsch (2010) é em defesa dos expropriados, contrário não só à Itaipu Binacional, mas também ao regime militar vigente na época (Ele se refere ao regime militar brasileiro, mas convém lembrar que o Paraguai também vivia uma ditadura da mesma natureza). Seu *ethos* aparece quando fala da localidade com brilho nos olhos, quando indagado sobre sua naturalidade: [...]me considero cidadão dali por ter passado toda a minha infância ali, vamos dizer assim, e saí dali com quinze (15) anos de idade, e então nesses quinze (15) anos todos eu vivi ali, eu me considero um cidadão, não digo de Alvorada, mas um cidadão aqui da região. (DATSCH, 2010).

Esse Telurismo justifica a defesa por parte de Wilson dos ex-moradores da localidade. Dá ao entrevistado também, condições que legitimam sua fala, afinal, compreendendo-se como “cidadão da região” ele atribui ao seu discurso o direito à defesa do local, bem como o direito ao julgamento de quaisquer fatos ligados a tal local ou população.

O então vereador do município de Foz do Iguaçu, Sérgio Spada, também demonstrava uma defesa em favor da população local, posicionando-se contra as decisões do governo municipal em relação ao distrito.

Spada (2011) comenta, em entrevista⁷¹, que a comunidade de Alvorada era muito unida e em idos de 1977, quando se elegera vereador, em pleno regime militar brasileiro, havia uma nítida preocupação com a construção do lago artificial de Itaipu. “Acho que um dos motivos pelo qual eu entrei pra política foi justamente a Itaipu [...]” (SPADA, 2011) afirma Sérgio. A comunidade, inicialmente, não parecia acreditar que as águas atingiriam o distrito, mas, aos poucos começava seu levante. Se autodenominando de uma vida comunitária ativa, Sérgio atribui sua eleição como o 3º vereador mais votado e o mais jovem da história de Foz do Iguaçu à sua condição de oposição à Itaipu e, por consequência ao governo. Eleito pelo extinto MDB, ele comenta que “[...] acho que foi por isso que eu fiz aquela votação histórica e estrondosa na época, ninguém imaginava [...]” (SPADA, 2011).

O processo das desapropriações começara com as áreas mais próximas do rio, seguindo morro acima, enquanto isso em Alvorada “[...] começou a fermentar um movimento ali, e quando a desapropriação tava chegando mais perto de Alvorada nós começamos a nos levantar [...]” (SPADA, 2011). O ex-vereador comenta que as “[...] injustiças praticadas pela Itaipu, eu denunciava tudo na Câmara.” (SPADA, 2011)⁷². Dentre tantos assuntos levantados,

⁷¹ SPADA, Sérgio. Entrevista. Foz do Iguaçu, 4 Mar. 2011.

⁷² Alusivo a esse depoimento, foi levantado junto ao arquivo público municipal de Foz do Iguaçu, documentação referente aos encaminhamentos de legislativo e executivo da época. Meus sinceros agradecimentos aqui a

Spada comenta que “[...] o que a gente sempre questionou, na época, era a forma como eles tratavam as pessoas que foram diretamente atingidas.” (SPADA, 2011).

Os “problemas advindos do progresso” como cita o anteprojeto de autoria do então prefeito nomeado de Foz do Iguaçu, General Clóvis da Cunha Vianna, fariam com que a comunidade de Alvorada fosse totalmente inundada. No referido documento⁷³, o militar defendia a extinção do distrito.

Dentre os vários prejuízos, de monta econômica, ecológica, social, Spada friza que os dois maiores foram os de ordem sentimental e econômica, já que comunidades desapareceram. “Muitos perderam tudo que tinham.” (SPADA, 2011). Ao ser indagado sobre a importância da questão do cemitério, Spada responde:

[...] como lá tava ficando muito abandonado [...] dava até tristeza de chegar lá, tinha o abandono do poder público e o pessoal também foi, e o cemitério foi ficando pra trás [...] o cemitério, como toda a comunidade tava totalmente abandonado, em 78 tava bem abandonado aquele lugar e já poucos moradores, e aí o cemitério tava pra trás, abandonado lá [...] não patrolavam mais ruas, não faziam manutenção de avenida, e no caso do espaço público que era o cemitério, o fogo tava consumindo tudo, cruz e tal, por isso que eu acho que teve muito corpo aí que se foi mudado, os restos mortais foram mudados para Santa Terezinha ou não, por que, teve muita sepultura que era só cruz [...] tinha uma cruzinha de madeira ali e, com certeza, deve ter ficado muita coisa pra trás. (SPADA, 2011)

Com tranquilidade em seu tom de voz, o entrevistado acaba explicando que restos mortais poderiam ter sido deixados na localidade, esquecidos pela falta de cruzeiros consumidos pelos eventuais focos de incêndio que corriqueiramente estavam atingindo o mato seco que circundava os sepultamentos do cemitério de Alvorada. Ele justifica dizendo que havia ali sepultamentos de muitas famílias de baixa renda, sem condições de colocar em homenagem a seus mortos, lápides de pedra, ou concreto, mais resistentes ao fogo. “[...] nem todo mundo tinha condições de fazer um túmulo de cimento [...]” (SPADA, 2011) e, também pelo mesmo motivo, não teriam feito a remoção de seus familiares, deixando a responsabilidade ao poder público da época.

Aluísio Palmar.

⁷³ Anteprojeto de lei nº 30/79, de 30 Set. 1979 que tratava da extinção do distrito de Alvorada do Iguaçu, Pr. Foz do Iguaçu, Pr. Documento em anexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Ao dar início às pesquisas, quando nos propusemos o desafio de compreender a identidade territorial, a identidade cultural, o telurismo, a topofilia, encaramos todo o processo que se seguiria como um doce desafio. De fato o foi.

O Oeste do estado do Paraná, desde o início de seu processo colonizador, a exemplo de todos os territórios onde o homem habita, vem sofrendo contínuas mudanças. Longe de ser este pesquisador o responsável pelo julgamento do mérito das referidas mudanças, ainda assim, atrevo-me a tecer algumas conclusões.

A construção do lago artificial de Itaipu, reservatório da água que move as turbinas da barragem, fez com que fossem deslocadas as famílias do local, em nome do progresso do país. As referidas famílias deram as costas às suas casas, às suas terras, às suas comunidades. Indenizados ou não (e, dos indenizados, bem ou mal indenizados), todos deixaram aquele local. A água lhes foi mais forte. O governo venceu no ano de 1982 as reivindicações que questionavam os procedimentos tomados à época.

É inquestionável a relação afetiva entre o homem e o território ao qual ele pertence. A gênese das comunidades identifica claramente a existência deste elo que tão insistentemente chamei de Telurismo, conceito similar ao defendido com o nome de Topofilia por Yi-Fu Tuan. Esta relação pode ter, em linhas gerais, dois destinos: o homem opta por permanecer no seu território ou deixá-lo em dado momento de sua vida. O viés da pesquisa foi de analisar especificamente um caso onde os habitantes de determinado território o deixaram. Como agravante da situação abordada, os referidos habitantes não tiveram o direito à tomada de decisão, ou seja, foram decididos por um grupo estrangeiro ao território os destinos de seus autóctones.

A população atingida pelas águas de Itaipu deixou, em sua maioria, a contra gosto, seu lar, e este processo foi devastador no tocante à cultura local e às comunidades que ali existiram. Não só os vivos, mas também os mortos foram dali removidos, demonstrando que a construção de Itaipu teve um preço muito maior que os dólares que a bancaram. A comunidade que existia no distrito de Alvorada do Iguaçu foi extinta e prova disso, foi a dificuldade em encontrar ex-moradores que tivessem contato entre si. Esse povo “alvoradense” emocionava-se ao ver imagens que lhe eram apresentadas durante as entrevistas. Sorriam com os olhos marejados ao lembrar dos bailes, das festas, da comunidade que existia e da qual fazia parte. Absolutamente nenhum deles admitiu que dali saísse se tivesse à época, o direito de escolher.

Com base em todos os debates levantados, argumentos e depoimentos colhidos, chego à conclusão que um determinado território pode sim ser transformado, reterritorializado, mas

jamais extinto. Podem-se extinguir comunidades, sociedades até, mas um território, uma vez habitado pelo homem, passa também a habitá-lo, religiosamente em sua memória, no âmago de seu ser, e de lá jamais sairá, por mais que o próprio homem o queira. Não há tratamento psicológico ou até psiquiátrico que extraia do homem e de sua memória a terra que um dia ele habitou, em que um dia ele plantou ou trabalhou. Um território pode arraigar memórias desagradáveis e mesmo assim, não será esquecido.

Esta pesquisa ainda tem muitas questões a problematizar, sendo, portanto, apenas o começo de uma jornada a ser complementada. O horizonte de pesquisas, no entanto, parece-nos rico e isso nos dá a convicção de que muito ainda há para se debater sobre a história do Oeste do Paraná, sobre sua população e suas relações sociais, culturais e fronteiriças.

REFERÊNCIAS.

BELLOMO, Harry (Org). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

BERGER, Peter. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004.

BLOCH, Marc. Apologia da História ou, O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p 43

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 4ª Ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995. pp. 16-59

CASANOVA, Pablo Gonzáles. As novas ciências e as humanidades. RJ: Boitempo, 2006. p 263

CHARÃO, Egiselda Brum. O Sagrado e o Profano nos cemitérios de Bagé/RS In.: ESTUDIOS HISTORICOS – CDHRP- Agosto 2009 - Nº 2 – ISSN: 1688 – 5317

COLLINS, Francis S. A linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe. Trad. Giorgio Cappelli. São Paulo: Editora Gente, 2007. P. 216

COMERFORD, John. In.: MOTTA, Márcia, (Org). Dicionário da Terra. Rio de Janeiro, RJ. Civilização Brasileira, 2005. P. 112.

DITTRICH, Ivo José. Por uma Teoria Retórica do Discurso: princípios teórico-metodológicos. In.: Ideação. V 10, n. 2., 2º sem, 2008. pp. 91-116

DITTRICH, Ivo José. Dimensão política do discurso: Instâncias argumentativas e Estratégias retóricas. ALED 2010. Recife. Nov. 2010. Comunicação Oral.

ELIADE, Mircea. Existência humana e vida santificada. In.: O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996. pp. 136-146.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso; Tradução de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 17ª Ed. (2008).

FUGMANN, Wilhelm. Os alemães no Paraná. Trad Francisco L. Paulo Lange. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2008. p 72.

GERMANI, Guiomar Inez. Expropriados. Terra e água: o conflito de Itaipu. Salvador: EDUFBA: ULBRA, 2003.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da religião: o sagrado como representação. Terra Livre. Goiânia: AGB, v.1, n 24 – jan/jun 2005. pp. 120-121.

GINZBURG. Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. Trad. Betania Amoroso. São Paulo: Cia das Letras, 1987. 7ª reimpressão. p. 449.

GOMEZ, Leo. Disponível em <http://indiegesto.zip.net/arch2009-02-01_2009-02-07.html> Acesso em 12 Jan. 2011.

GREGORY, Valdir. Fronteiras, Migrações e Imaginários. In.: Fronteira: impactos socioambientais na Terra Prometida / organização de Tarcísio Vanderlinde. Porto Alegre: Evangraf, 2011. p. 02.

GREGORY, Valdir. Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná. Edunioeste, 2002.

GREGORY, Valdir. História: reflexões metodológicas. In: LOPES, Marcos Antonio (Org). O ensino e a pesquisa em História na União: realizações e tendências. Cascavel, PR. Edunioeste, 1998. pp. 25-38.

HAESBAERT, Rogério. Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste. Niterói: EDUFF, 1997. pp. 12-29.

KARPINSKI, Cezar e MONTYSUMA, Marcos. Disputas e resistências territoriais na construção de barragens no Paraná. In.: Simpósio Nacional de História (24.: 2007: São Leopoldo, RS) História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos: anais do XXIV Simpósio Nacional de História / XXIV Simpósio Nacional de História; Associação Nacional de História - ANPUH. – São Leopoldo: Unisinos, 2007.

KIRINUS, G. Entre a cruz e a política. Curitiba: Beija Flor, 1979, p. 37.

KRÄUTLER, Dom Erwin. Belo Monte: O diálogo que não houve. Carta aberta à opinião pública nacional e internacional. In.: Boletim da AGB-MCR. Número 17, I quadrimestre, Abril de 2011 ISSN: 1981-4054

LOVISOLO, Hugo. A Memória e a Formação dos Homens. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 16-28. p 16.

MAZZAROLLO, Juvêncio. A Taipa da Injustiça, esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu. 2ª Ed. São Paulo, Brasil. Edições Loyola, 2003.

MEZZOMO, Frank Antonio. Memórias dos movimentos sociais no Oeste do Paraná: Gernote Kirinus, Adriano van de Vem, Werner Fuchs. Campo Mourão: Ed. da FECILCAM, 2009.

MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Luciana (Orgs). Ethos discursivo. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTTA, Márcia. (Org). Dicionário da Terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. pp. 474-475.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. Jules Verne et sa vision globalisante et humaniste de la science et ses applications et/ou Jules Verne et l’Amazonie. Nantes: [s.n.], 2005. (em fase de elaboração). Disponível em <http://www.ihgrgs.org.br/Contribuicoes/centenario_morte_julio_verne.htm>. Acesso em 27 Jan. 2011.

MYSKIW, Antonio Marcos. Colonos, Posseiros e Grileiros: conflitos de terra no Oeste Paranaense. Dissertação (Mestrado em História) Programa de pós-graduação interinstitucional em História UFF/UNIOESTE. Niterói, Rio de Janeiro. 2002. p. 203.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In.: OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.) Metodologia das Ciências Humanas. SP, Hucitec/UNESP, 1998. p. 20.

PALMAR, Aluizio. Onde foi que vocês enterraram nossos mortos? Curitiba: Travessa dos Editores, 2006. p. 237.

PFLUCK, Lia Dorotea. Hidrelétrica em Marechal Cândido Rondon – Pr: Necessidade? In.: Boletim da AGB-MCR. Número 17, I quadrimestre, Abril de 2011 ISSN: 1981-4054

PLANTIN, Christian. A argumentação; Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15. p 03.

PORTELLA, Rodrigo. Em busca do dossel sagrado. Horizonte. Belo Horizonte, vol. 4, n 8, Jun. 2006. p. 88.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In.: FERREIRA, Marieta M. e AMADO, Janaína. Usos e abusos da História Oral. RJ. Ed. FGV, 1996. (pp 103-130)

REBOUL, Olivier. Introdução à retórica; Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 2ª tiragem (2000). p. 106.

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. Memórias do Concreto: vozes na construção de Itaipu. Cascavel: Edunioeste, 2002.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o espaço. In.: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs) Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 119.

SANTOS, Roseli Alves dos. O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA NO SUDOESTE DO PARANÁ. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de pós-graduação em Geografia – área de concentração: “Produção do espaço Geográfico” UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO MESQUITA FILHO”. PRESIDENTE PRUDENTE, 2008. P 23.

SAQUET, Marcos. Colonização Italiana e agricultura familiar. Porto Alegre, RS: EST Edições, 2002.

SCHILLING, Paulo R. e CANESE, Ricardo. Itaipu, geopolítica e corrupção. São Paulo, SP: CEDI, 1991.

SOUZA, Edson Belo Clemente de. A (re)produção da região do Lago de Itaipu. Cascavel: Edunioeste, 2009. p. 60.

TUAN, Yi-fu. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. p. 28.

VAINFAS, Ronaldo. Caminhos e descaminhos da História. Ensaios de Teoria e Metodologia. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs). Rio de Janeiro: Campos, 1997. p 449

VANDERLINDE, Tarcísio. Arqueologia no Campo Santo. In.: Jornal Hoje. Edição nº 4797 - Terça-feira, 30 de Outubro de 2007. p. 02.

VERNE, Júlio. Vinte Mil Léguas Submarinas. Ed. Iracema. São Paulo, SP. 1ª Ed. pp 150, 151.

FONTES.

ELETRÔNICAS:

<<http://www.beatrix.pro.br/index.php/cemiterio-de-pere-lachaise/>> Acesso em 23 Jan. 2011.

<<http://www.cmfi.pr.gov.br/publico.php>> Acesso em 23 Fev. 2007.

<<http://oglobo.globo.com/sp/mat/2006/10/31/286480889.asp>> Acesso em 25 Jan. 2011.

<<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/05/04/air-france-corpos-comecam-ser-resgatados-924382071.asp>> Acesso em 24 Maio 2011.

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/05/obama-confirma-morte-de-osama-bin-laden.html>> Acesso em 24 Maio 2011.

<http://www.ihgrgs.org.br/Contribuicoes/centenario_morte_julio_verne.htm> Acesso em 27 Jan. 2011.

<<http://www.comciencia.br/resenhas/memoria/narradores.htm>> Acesso em 21 Fev. 2011.

<http://www.ihgrgs.org.br/Contribuicoes/centenario_morte_julio_verne.htm> Acesso em 27 Jan. 2011.

<http://indiegesto.zip.net/arch2009-02-01_2009-02-07.html> Acesso em 12 Jan. 2011.

<<http://www.ufmg.br/boletim/bol1561/quinta.shtml>> Acesso em 21 Fev. 2011.

<<http://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/itaipu-gera-922-milhoes-mwh-em-2011-e-tem-sua-quarta-melhor-marca>>. Acesso em 10 Jan. 2012.

PERIÓDICAS:

Jornal O presente. 24 Dez. 1999. p. 42. Marechal Cândido Rondon, Pr.

Jornal O Paraná. 02 de Mar. 2011. Caderno cidades, p. 08. Cascavel, Pr.

Jornal Hoje, Edição Nº 13, 30 Nov. 1976. Foz do Iguaçu, Pr.

ORAIS:

CARDOSO, Arino. Entrevista. Santa Terezinha de Itaipu, 11 Fev. 2007.

CASANOVA, Dorotildes dos Reis. Entrevista. Santa Terezinha de Itaipu, 11 Fev. 2007.

DATSCH, Wilson. Entrevista. Santa Terezinha de Itaipu, 4 Out. de 2010.

MELCHIOR, Alfonso. Entrevista. Foz do Iguaçu. 28 Set. 2010.

PRADO, Solange Marilene Melchior do. Entrevista. Santa Terezinha de Itaipu, 11 Fev. 2007.

SPADA, Lenir. Entrevista. Santa Terezinha de Itaipu, 11 Fev. 2007.

SPADA, Sérgio. Entrevista. Foz do Iguaçu, 4 Mar. 2011.

ICONOGRÁFICAS:

Acervo particular de Dorotildes dos Reis Casanova

Acervo particular de Doraci Leite dos Reis Melchior

Acervo particular de Kleber Dreicy Melchior

DOCUMENTAIS:

Câmara de Vereadores de Foz do Iguaçu.

DOCUMENTÁRIOS E FILMES:

FÜLLGRAF, Frederico. Expropriado (Filme documentário/DVD), 1983.

Profeta das águas (Filme documentário/DVD), 1982.

CAFFÉ, Eliane. Narradores de Javé (Filme/DVD), 2004.

ANEXOS.

ANEXO 1.

Entrevista com o Sr. Wilson Datsch, concedida a Kleber D. Melchior em Santa Terezinha de Itaipu, no dia 4 de outubro de 2010.

Kleber: deixa eu registra aqui, hoje é 4/10/2010, conversando com o senhor Wilson Datsch, em seu escritório em Santa Terezinha de Itaipu, duas da tarde. Ele disse para você, o Edésio falou para mim uma coisa que eu achei interessante, que talvez algumas crianças tivessem ficado para traz, o senhor acha que talvez tenha ficado gente pra traz lá?

Wilson: eu acompanhei mesmo depois de ter saído de lá, a gente acompanho um abandono, acompanhou a subida do lago.

K: que foi rápida.

W: que foi rápida, e que eu, diariamente fazia questão de acompanha, posso afirmar com certeza que restos mortais ficaram, eu não vou te dizer de crianças, de adultos, de idoso, mas que ficaram, com certeza.

K: ali no distrito de Alvorada do Iguaçu?

W: na própria área do cemitério de Alvorada do Iguaçu, isto eu afirmo com todas as letras.

K: e de quem será que seria responsabilidade disso? Será que seria da família que deixou o sepultamento para traz? Ou seria da Itaipu que fez a segunda leva de retiradas e aí acabou talvez deixando? A quem o senhor, na sua opinião, a quem o senhor atribuiria a responsabilidade?

W: eu entendo que realmente seria interesse da família.

K: em primeiro plano?

W: em primeiro plano eu entendo dessa forma, agora por outro lado quando a Itaipu se preocupou no salvamento de todo e qualquer animal silvestre que tinha ali, esqueceu de dar um tratamento, aos seres humanos que eles tiraram dali, isso não só esqueceram daqueles com vida que saíram dali sem rumo, como deixaram para traz com certeza muitas e muitas ossadas.

K: o senhor acha isso uma atitude desrespeitosa?

W: por parte da Itaipu, na época foi! Não só na área dos mortos, mas faltou uma infinidade de atenção que tinha que ser dado aos desapropriados.

K: aos vivos?

W: sem dúvida nenhuma. A Itaipu desapropriava cidadão que não tinha nem noção do valor monetário que ele recebeu, e que o não teve um acompanhamento, uma assessoria, vamos dizer assim, uma proposta de investimento, aquele cidadão que não sabia o valor monetário que tinha em mãos, e não tinha experiência nenhuma em administrar e que acabou muitos deles sem nada.

K: o senhor acha que numa situação dessas que foi retirado até o cemitério do distrito de Alvorada, que desapareceu cem por cento (100%), por completo, o senhor acha que em uma situação dessas, claro, pautando a legislação vigente, o senhor acha que caberia uma indenização por danos morais, por exemplo? A favor dos indenizados ou dos parentes dos sepultados? Supondo.

W: é que todas as decisões e as ações judiciais que se pensavam na época contra a Itaipu, e dentro do regime militar que se vivia na época, o cidadão comum não se encorajava em buscar esses direitos, e hoje, grande parte, senão todos esses direitos eu já vejo até prescritos para uma eventual ação de reparação de qualquer tipo de dano. Agora o que a gente tem que reforçar e deixar bem claro que a Itaipu não teve preocupação nenhuma com o ser humano. Isso tem que ficar bem claro!

K: o senhor acha que ela (a Itaipu) exagerou em se preocupar de mais com a natureza e esqueceu dos desapropriados, na época?

W: era o regime militar que se vivia né? Para aqueles governantes o cidadão era o que menos interessava né? Esse é meu ponto de vista hoje.

K: seu Wilson, o senhor diz pra mim a data de nascimento do senhor por gentileza?

W: eu nasci em março de sessenta e quatro (1964).

K: em que cidade?

W: em São Jorge do Oeste, mais ainda no ano de sessenta e quatro (1964) meus pais passaram a residir em Alvorada do Iguaçu, portanto deste de sessenta e quatro (1964), sou cidadão, vamos dizer assim, de Alvorada.

K: Alvoradense.

W: me considero cidadão dali por ter passado toda a minha infância ali, vamos dizer assim, e sai dali com quinze (15) anos de idade , e então nesses quinze (15) anos todos eu vivi ali, eu me considero um cidadão, não digo de Alvorada, mas um cidadão aqui da região.

K: muito obrigado.

Indicação 29/78, de 12 Jun. 1978, de autoria do vereador Sérgio Spada, que pede providências em relação ao cemitério do distrito de Alvorada, requerendo imediata transladação do mesmo para o distrito vizinho de Santa Terezinha.

4.6-64-1978



Câmara Municipal de Foz do Iguaçu

Estado do Paraná

**

INDICAÇÃO

CÂMARA MUNICIPAL

12 JUN 1978

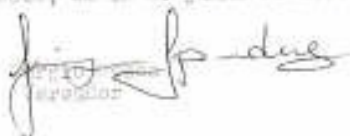
29/78

O Vereador abaixo assinado, no ato de suas atribuições legais e regulamentais,

REQUER, ao Exmo. Sr. Prefeito Municipal, providências no sentido de que determine com a urgência possível, a transferência do atual Cemitério de Alvorada do Iguaçu, para o Distrito de Santa Terezinha, com a transladação das cinzas ali sepultadas, tendo em vista o êxodo verificado em razão do risco, que os moradores do antigo Distrito, mudando-se para a Vila de Santa Terezinha.

Com fato acima apontado, o Cemitério ficou completamente abandonado, com o crescimento da mata que, com o tempo se expõe aos frequentes incêndios que têm ocorrido na região, cujo o verificado há pessoas que consomem toda a vegetação, criando a a cerca existente no local.

Sala das Sessões, em 12 de junho de 1978



Sérgio Spada
Vereador

Indicação 32/79, de 21 Nov. 1979, de autoria do vereador Aldivo Wegner, que pede a doação de um lote urbano no distrito vizinho de Santa Terezinha para a reconstrução do templo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) que existia em Alvorada.



Câmara Municipal de Foz de Iguaçu

Estado do Paraná

INDICAÇÃO



O Vereador abaixo assinado e nas suas atribuições legais e regimentais, indica ao EXMO. SR. PREFEITO MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU, CEL. ENCO. CLOVIS CUNHA VIANNA, a inclusão dos documentos em anexo, à INDICAÇÃO nº 32/79 de 08/06/79 para complementar o pedido de doação de uma área de terras urbana no Distrito de Santa Terezinha para a construção do TEMPLO DA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL - Paróquia do Ex-Distrito de Alvorada do Iguaçu, neste município.

JUSTIFICATIVA

Justifica-se tal pedido de INDICAÇÃO de vez que são necessários tal inclusão dos referidos documentos em anexo para que após examinados ficar comprovado a existência jurídica da Entidade Eclesiástica requerente, bem como o tipo da construção do TEMPLO e as despesas com investimentos que serão então realizadas.

R. Deferimento

Sala das Sessões, 21 de Novembro de 1.979


Aldivo Wegner.
Vereador.

Projeto de lei 30/79, datado de 21 Ago. 1979 que pedia a extinção do distrito de Alvorada do Iguaçu.



Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu

ESTADO DO PARANÁ

MENSAGEM Nº 24/79



SENHOR PRESIDENTE:-

1. Subscrito
2. Assinado no "Expediente"
Em 23.08.79

Tenho a honra de encaminhar a V.Exa. para apreciação por parte dessa Casa, o Projeto de Lei anexo, que busca autorização legislativa para que este Executivo Municipal possa extinguir na forma da legislação pertinente em vigor, o distrito de Alvorada do Iguaçu, neste Município, criado pela Lei Municipal nº 431, de 18 de dezembro de 1964.

- JUSTIFICATIVA -

Senhor Presidente, como é público e notório, graças ao evento de Itaipu, vimos o nosso Município crescer vertiginosamente, e com esse desenvolvimento, surge como era de se esperar, os problemas advindos de todo progresso.-

O Distrito de Alvorada do Iguaçu, não fugiu às consequências previsíveis desse fenômeno e terá a área de sua sede completamente inundada.-

A Itaipu Binacional já indenizou ao Município os imóveis bem como as benfeitorias existentes naquela área e pertencentes à Municipalidade, havendo inclusive indenização do praticamente a todos os proprietários daquela área.-

Pelo acima exposto e diante das circunstâncias, perde o sentido a manutenção daquele distrito por parte da Municipalidade, daí a razão de termos elaborado o presente projeto, para o qual contamos com a manifestação favorável dessa Colenda Casa de Leis.-

EXMO. SR.
AGUINELLO FAVERO HAUS
DD. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL
N E S T A
AMK/MEI.-



Foto dos funcionários da Itaipu Binacional durante a operação Mymba-Kuera. Na imagem a tentativa de resgate de animais selvagens com o lago já praticamente formado, em outubro de 1982.



ANEXO 6:

Cemitério do distrito de Alvorada do Iguaçu. Jornal Hoje Foz, edição nº 13. Foz do Iguaçu, de 30 Nov. a 07 Dez. 1978.



Cemitério abandonado: culpa do Prefeito?